

5. Experiência amorosa e comunicação do sentimento

“Eu procuro o equilíbrio. Eu procuro deixar o emocional me conduzir, mas... usar a razão pra quê? Pra tentar avaliar e saber se o que eu tô sentindo realmente é aquilo ou não, né? Porque dizer é fácil, né? Mas, racionalmente você compreender algo que você tá sentindo... porque eu tenho sempre essa preocupação... de não magoar, entendeu? Mas, claro, que também, conseqüentemente, me proteger também, né?”
(Homem solteiro, 36 anos)

Neste último capítulo descrevemos o estudo de campo que realizamos durante o ano de 2003 com o intuito de verificar a influência dos estereótipos de gênero nas vivências amorosas masculinas. Quase vinte anos após os primeiros estudos brasileiros sobre masculinidade, o que mudou com relação à forma como alguns homens experimentam e expressam o sentimento amoroso em relações afetivas heterossexuais?

5.1. Estudo de Campo

O presente estudo foi realizado com doze sujeitos que descrevemos no item 5.1.1.3, no qual apresentamos as características gerais da amostra e detalhamos o perfil de cada um de nossos entrevistados. Procuramos não trabalhar com hipóteses previamente definidas, pois poderiam inibir nossa escuta, direcionando os resultados para um ponto de chegada pré-determinado. Ainda assim, encontramos algumas dificuldades que descrevemos no início do item 5.2 (Análise das Entrevistas). O interesse que norteou nossa ida ao campo foi tão somente realizar um levantamento sobre o peso dos estereótipos masculinos no que tange nosso objeto de estudo e, se possível, contribuir para a desconstrução de alguns deles.

5.1.1. Metodologia

Para a realização do presente estudo empregou-se o *método qualitativo de análise de discurso* (Nicolaci-da-Costa, 1989, 1992 e 1994), através do qual realizamos entrevistas semi-estruturadas, tendo como principal instrumento um roteiro com tópicos pertinentes à experiência amorosa e à comunicação de sentimentos.

5.1.1.1. Instrumento

Com a constante preocupação de não direcionar as respostas dos sujeitos, construímos um roteiro com tópicos a serem abordados através de perguntas abertas, de modo a permitir que os entrevistados falassem livremente sobre o que pensam e sentem a respeito dos temas constantes do roteiro em anexo.

Inicialmente, foi elaborado um roteiro-piloto que, após testado através de uma única entrevista, foi reescrito e novamente testado com dois outros sujeitos. A análise destas novas entrevistas-piloto levou a outras modificações, dando origem a uma terceira e última versão do roteiro, que foi, finalmente, empregado nas entrevistas que serviram como objeto para o presente estudo.

5.1.1.2. Procedimento

Com base na versão final do roteiro, foram realizadas doze entrevistas semi-estruturadas com duração média de quarenta e cinco minutos cada. O tempo de duração das entrevistas não foi previamente fixado, mas estimava-se que seria em torno de trinta minutos. Contudo, os tempos variaram bem mais do que o esperado devido à ampla dissimetria entre as falas que variaram desde as mais econômicas até as mais exaustivamente detalhadas. Assim, apenas uma entrevista transcorreu dentro do tempo previsto, duas ficaram abaixo dos trinta minutos previstos, sete duraram em torno de quarenta e cinco minutos e duas levaram mais de uma hora para serem concluídas.

Vale comentar os constrangimentos surgidos no tocante a este aspecto. Se, por um lado, fazer com que os entrevistados mais contidos (apenas três) falassem um pouco mais do que pareciam, inicialmente, dispostos gerou na entrevistadora a preocupação de não ser demasiado invasiva, por outro, cortar as falas dos entrevistados mais expansivos foi, além de constrangedor, muitas vezes frustrante, pois a necessidade de manter o foco das entrevistas entrava diretamente em conflito com o interesse em ouvir o que mais estes homens tinham para dizer. Mesmo correndo o risco de um afastamento excessivo da questão central, todas as vezes em que optou-se por deixar o entrevistado falar mais livremente foram recompensadas por falas muito enriquecedoras.

Todas as entrevistas foram realizadas individualmente, em locais, datas e horários escolhidos pelos sujeitos. Todos os solteiros e um único casado optaram por ser entrevistados em suas próprias residências e os demais escolheram lugares

públicos variados: pilotis da PUC-Rio, cafés, bares, restaurantes e até um quiosque na praia do Leblon! Em *Masculino/Feminino: Tensão Insolúvel* (1995), Maria Isabel Mendes de Almeida questionou “até que ponto cenários, contextos e circunstâncias tão diversos para a realização das entrevistas podem ter interferido em alguns dos resultados ou avaliações” de sua pesquisa também com homens de classe média. Por acreditarmos que as mesmas considerações poderiam se aplicar ao nosso estudo, procuramos nos manter alertas quanto a este aspecto.

Antes de iniciar cada entrevista era solicitada permissão para gravação, assegurando sigilo absoluto quanto à identidade do entrevistado. De imediato constatamos que nenhum sujeito pareceu intimidado pela gravação e, conforme também observado na pesquisa acima referida, em alguns casos, os próprios entrevistados se preocuparam com a qualidade da gravação devido ao elevado ruído ambiente.

Uma vez realizadas as entrevistas a maioria delas foi transcrita praticamente na íntegra, incluindo pausas, suspiros, hesitações, risos, etc — os trechos que fugiam muito do tema em estudo não foram transcritos. A análise dos dados coletados nas entrevistas seguiu o modelo de *análise qualitativa de discurso*, que foi dividida em três etapas (Nicolaci-da-Costa, 1989 e 1994).

Na primeira foi realizada uma *análise inter-sujeitos* na qual foram analisadas as respostas dadas por cada um dos sujeitos a cada um dos tópicos do roteiro. Desta forma, obtivemos uma idéia geral sobre como cada aspecto do tema em estudo é visto e experienciado pelos diferentes entrevistados. Respostas recorrentes serviram como indicadores de tendências gerais do grupo pesquisado, algumas das quais deram origem às categorias gerais de análise.

Na segunda etapa realizamos uma *análise intra-sujeitos*, na qual verificamos como cada entrevistado respondeu às diferentes perguntas do roteiro. Nesta fase, procuramos observar a ocorrência de opiniões antagônicas com relação a diferentes itens da pesquisa. Através da evidenciação de percepções e sentimentos contraditórios de um mesmo sujeito ao longo da entrevista, foi possível identificar algum grau de inconsistência em determinadas falas. As incoerências encontradas serviram como indicadores de possíveis conflitos com relação ao tema em questão.

Na terceira fase procuramos depurar todo o processo, retornando ao início e repetindo as duas primeiras etapas tantas vezes quanto necessário, de modo a

verificar outros indicadores que não foram detectados nas visadas anteriores, bem como para dirimir dúvidas quanto a alguns pontos obscurecidos pelas incoerências e contradições dos discursos dos diferentes entrevistados. Ao final, chegamos a um rol de categorias, algumas das quais não estavam previstas no roteiro, uma vez que as perguntas abertas permitiram a emergência espontânea de elementos inesperados que passaram a integrar o estudo a partir do momento em que foram considerados relevantes. Nossa análise contou, portanto, com questões formuladas tanto *a priori* quanto *a posteriori*.

5.1.1.3. Perfil dos entrevistados

O presente estudo foi realizado com doze homens heterossexuais, pertencentes à classe média, com curso superior (completo ou incompleto), moradores da Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro. Todos foram indicados por amigos, filhos, irmãos, namorado(a)s e/ou colegas de pessoas conhecidas da entrevistadora. No que diz respeito à distribuição etária, os sujeitos estão divididos em dois grupos: um composto por cinco homens com idades entre 24 e 30 anos e outro composto por sete homens com idades entre 40 e 47 anos.

Coincidente, mas não surpreendentemente, durante a realização da pesquisa, ainda que não houvesse a intenção de separar os sujeitos por estado civil, constatou-se que todos os integrantes do grupo mais jovem eram solteiros de direito e de fato, sem jamais terem vivido, mesmo que temporariamente, com namorada ou companheira — um único sujeito deste grupo mora sozinho, todos os demais moram com suas famílias de origem. Analogamente, no grupo dos homens com mais de 40 anos não havia nenhum solteiro — apenas dois não se casaram oficialmente, apesar de nomearem seus relacionamentos de “casamento” e suas companheiras de “esposa”. Um deles permanece “casado” há onze anos e outro, apesar de “separado”, viveu durante quatorze anos com sua única companheira. Em suma, no momento em que foram realizadas as entrevistas este grupo se distribuía da seguinte forma quanto ao estado civil: dois eram casados, três separados e dois eram recasados (um pela segunda vez e outro pela terceira vez).

A divisão dos sujeitos em duas faixas etárias teve por objetivo verificar, a presença de possíveis distinções, caso houvesse alguma, no que diz respeito à influência dos estereótipos de gênero nas vivências dos homens pesquisados.

Mesmo que não tenhamos trabalhado com uma hipótese explícita a este respeito, imaginávamos que pudessem haver diferenças entre as duas gerações, uma vez que os mais velhos nasceram entre a segunda metade da década de cinquenta e os primeiros anos da década de sessenta (entre 1956 e 1963) e os mais jovens nasceram todos ao longo dos anos setenta (de 1973 a 1979). Ou seja, os mais velhos nasceram no período em que o movimento feminista se encontrava em gestação no Brasil e cresceram em meio às lutas ainda incipientes de algumas mulheres pioneiras. Os mais jovens, por sua vez, nasceram e cresceram no período conhecido como o *boom* do feminismo, em meio a todos os questionamentos da *contracultura* e das lutas das minorias de que falamos anteriormente. Toda esta efervescência cultural foi vivida pelos mais velhos já na fase da adolescência, enquanto os mais jovens ainda eram crianças. Por esta razão, tínhamos a impressão de que talvez pudéssemos observar nos mais jovens uma postura mais atualizada com relação aos papéis de gênero e, portanto, menos estereotipada do que no grupo dos mais velhos. Achávamos que os com mais de quarenta anos, por terem sido educados em famílias que ainda se organizavam, talvez, segundo padrões mais tradicionais¹, poderiam ter suas experiências ainda muito marcadas por concepções patriarcais de gênero. Porém, como veremos mais adiante, não foi bem isso o que pudemos constatar, muito pelo contrário.

Também foi possível observar uma distribuição relativamente homogênea das idades dentre os dois grupos. A diferença de idades entre o mais novo e o mais velho de cada grupo é de seis anos no do grupo dos homens mais jovens e de sete anos no grupo dos homens mais velhos. Como consequência, as diferenças entre os mais novos e os mais velhos dos dois grupos também ficou equilibrada: o mais novo do grupo de homens abaixo de 30 anos tem dezesseis anos a menos que o mais novo do grupo de homens acima de 40 anos e o mais velho do grupo abaixo de 30 anos tem dezessete anos a menos que o mais velho do grupo acima de 40 anos.

¹ Famílias em que o pai é o principal provedor do sustento material, participando pouco da educação dos filhos, e a mãe é a principal, quando não única, responsável pelas trocas afetivas e pela administração de toda a vida doméstica, mesmo quando exerce atividade profissional em tempo integral.

Salientamos que, visando garantir a privacidade dos entrevistados, foram-lhes atribuídos nomes fictícios, bem como às parceiras e amigos por eles referenciados. Para tentar facilitar a leitura do item 4.2, no qual descrevemos a análise das entrevistas, tentamos atribuir nomes que pudessem auxiliar minimamente a identificação da faixa etária dos sujeitos. Portanto, a ordem dos nomes segue a cronologia das idades, sendo que os mais jovens têm nomes iniciados pelas letras de “D” a “G” e os mais velhos, por letras de “M” a “V”. Apresentamos abaixo uma descrição sucinta de cada um dos entrevistados:

Daniel, 24 anos, solteiro, estudante de direito e *videomaker*, mora com os pais em Ipanema, não tem filhos, não segue nenhuma religião e nunca fez nenhum tipo de psicoterapia, mas disse que poderia ser proveitoso — algum tempo após a realização da pesquisa, soubemos que havia começado tratamento com uma psicanalista. Há seis meses Daniel retomou um namoro de três anos que havia sido interrompido durante um ano devido à namorada ter ido estudar fora do país.

Eduardo, 25 anos, solteiro, bacharel em administração e microempresário, mora sozinho no Jardim Botânico, não tem filhos, não segue nenhuma religião e não faz psicoterapia. Seu único namoro teve início aos 19 anos e já dura seis anos. Eduardo relata sentir-se apreensivo por estar sendo pressionado a se casar.

Fábio, 26 anos, solteiro, formado em administração de empresa, desempregado e se preparando para fazer concurso público. Mora com a mãe em Copacabana, não tem filhos, é católico, mas também frequenta centros espíritas (“que era a religião do meu pai”), nunca fez nenhum tipo de psicoterapia. Namora há quatro meses uma mulher de 33 anos e diz que é comum se envolver com mulheres “um pouco mais velhas” do que ele.

Fred, 26 anos, solteiro, administrador de empresas, mora com a mãe e a irmã no Leblon, não tem filhos, diz-se católico, mas só frequenta igreja socialmente, nunca fez nenhum tipo de psicoterapia. Conta que já teve quatro namoradas dentre as quais gostou mais especialmente da penúltima delas. Seu último relacionamento terminou há pouco mais de um ano devido aos ciúmes excessivos da namorada.

Gabriel, 30 anos, solteiro, estudante de economia, mora com os pais e a irmã no Leblon, não tem filhos, é católico, nunca fez nenhum tipo de psicoterapia. Gabriel teve ao todo três namoros, com intervalo de seis anos entre o primeiro e o segundo, período durante o qual “ficou” com um número incontável pessoas: “Eu tava na guerra!”

Miguel, 40 anos, vive há onze anos com a companheira a quem se refere como “esposa” e quanto ao estado civil diz: “na verdade, eu sou solteiro, mas, de fé, eu sou casado”. Mestre em publicidade, professor universitário, reside no Jardim Botânico com “esposa” e duas filhas pequenas, não segue nenhuma religião, faz análise há oito anos.

Paulo, 41 anos, casado há onze anos, fez MBA em finanças, é gerente de informática de empresa multinacional, mora na Lagoa com a esposa e três filhas pequenas. Diz que não tem religião, mas como a esposa é muito católica (reza todo os dias à noite com as filhas antes de dormir), ele vai à missa “só pra acompanhá-la, pra dar uma força e pra dar exemplo pras crianças.” Durante a análise ficará claro que este “exemplo” é parte de todo um estilo de vida pautado por uma série de estereótipos.

Pedro, 41 anos, recasado pela terceira vez, administrador de empresas, mora com a “esposa” atual em Laranjeiras; tem duas filhas adolescentes do primeiro casamento; é agnóstico; fez psicoterapia durante dois anos (há aproximadamente sete anos atrás) após uma crise hipertensiva, desencadeada pelo falecimento da mãe, “mas que já vinha sendo gestada por graves problemas financeiros e conjugais” — é hipertenso desde os dezessete anos.

Rui, 43 anos, foi casado durante seis anos e está divorciado há cinco; é formado em comunicação social e trabalha com comércio exterior. Reside oficialmente em Copacabana com a irmã, mas passa grande parte do tempo na casa da atual namorada no Leblon; tem um casal de filhos (um menino de seis anos e uma menina de oito anos). É católico e costuma ir à igreja rezar “fora dos horários de missa”, além de freqüentar centros kardecistas. Fez psicoterapia

durante apenas três meses há seis anos e parou porque se envolveu com a psicoterapeuta, não tendo procurado outro profissional.

Tadeu, 45 anos, engenheiro, doutor em ciência da computação e professor universitário; recasado pela segunda vez há quatro anos, reside na Gávea com a atual companheira; não tem filhos; é agnóstico; nunca fez psicoterapia, “mas pensa em...”

Vicente, 47 anos, separado há dois anos, foi casado durante quatorze e tem uma filha adolescente. É sociólogo, doutorando em letras, cantor e compositor; reside no Leblon com o pai; é católico praticante e faz análise há um ano.

Victor, 47 anos, foi casado durante sete anos e está separado há onze; tem um filho adolescente e mora sozinho na Urca. Trabalha como analista financeiro; é “cristão-kardequista”; fez um ano de psicoterapia — iniciou uns nove meses antes de se separar em 1991 e prosseguiu até uns quatro meses após a separação. Entretanto, alega não ter buscado o tratamento em função dos problemas conjugais, mas, sim, para refletir sobre suas próprias questões independentemente do relacionamento com a ex-esposa.

Como última observação acrescentamos que os dados acerca de religião e psicoterapia foram incluídos como parte do perfil dos entrevistados por entendermos que, de um lado, a afiliação a determinados credos pode aprisionar o sujeito em um imaginário dogmático com repercussões em diferentes esferas da vida, muito especialmente no que concerne aos estereótipos de gênero e à vida amorosa. De outro, a experiência psicoterapêutica pode auxiliar o sujeito justamente a desconstruir certezas, a questionar verdades, a afrouxar algumas amarras e a desatar os nós que o aprisionam em papéis e padrões de comportamento que não lhe servem.

5.2. Análise das entrevistas

De uma forma geral, a atitude dos sujeitos durante as entrevistas foi bastante colaborativa. Desde a primeira pesquisa que realizamos durante o ano de 2000 (ainda não publicada) sobre a visão masculina quanto a relacionamentos afetivos,

alguns colegas e pessoas conhecidas questionavam a possibilidade de conseguirmos encontrar homens realmente dispostos a falar sobre suas vidas afetivas, principalmente para uma mulher. Nós mesmos, de certa forma, concordávamos que talvez não fosse muito fácil fazer com que falassem abertamente durante as entrevistas, o que pode ser um indicativo de como os estereótipos de gênero se fazem presentes de forma, muitas vezes automática, mesmo quando desejamos deles nos abster. No entanto, esta experiência mostrou que a realidade de alguns homens não confirma a “suposta regra” de que os homens não falam sobre sentimentos e vida íntima. Assim como toda regra, esta visão estereotipada do gênero masculino também tem suas exceções e, às vezes, em número bem maior do que costumamos imaginar. Por esta razão, foi também desconstruída pela pesquisa anterior a crença de que os homens ficam especialmente inibidos diante de uma entrevistadora do sexo feminino.

Contudo, muito provavelmente em função do universo em questão, a experiência de Muzio (1998) contraria a nossa. Quando solicitada pelas forças armadas cubanas a realizar um trabalho com grupos de homens a autora teve que enfrentar uma série de dificuldades justamente por ser mulher. Cansados de serem constantemente criticados por *machismo*, os militares custaram muito a se abrir diante de mais uma mulher que supunham estar ali exclusivamente para tentar corrigi-los.

Por outro lado, o problema do *outsider* é abordado em Mirandé (1997) como uma forte interferência no estabelecimento da confiança necessária entre os sujeitos pesquisados e o pesquisador, uma vez que a maioria dos sujeitos que participaram de sua pesquisa não o consideravam como representante da cultura objeto de seu estudo. Mas a experiência de Nolasco (1993) revela uma outra faceta que talvez não tenha sido cogitada por Mirandé (1997). O pesquisador brasileiro relata receios e dúvidas por parte de seus entrevistados a respeito da delicada situação criada entre eles, pois, “para um homem, falar de seus medos e inseguranças para um outro homem é como ‘entregar de bandeja a própria cabeça para o inimigo’ (p.25-26).²

Mendes de Almeida (1995), por sua vez, parece não ter encontrado qualquer resistência por parte de seus entrevistados, cujas falas fluentes foram motivo de análise do que denominou “efeito torrente”. Outro aspecto de seu

trabalho que veio a ser de especial interesse ao presente estudo está relacionado ao fato da autora ter feito da tensão entre a subjetividade feminina da pesquisadora e a masculina de seus entrevistados questão central de sua análise, sendo que em vários pontos de seu relato é possível observar uma crítica contundente a atitudes tipicamente masculinas. Desta forma, o jogo intersubjetivo que fica claramente explicitado pela autora nega qualquer possibilidade de neutralidade comumente exigida pela atitude científica.

No que diz respeito à neutralidade do pesquisador, Gilberto Velho (1986) tece interessantes considerações acerca dos possíveis problemas que poderiam advir do fato de ter sua própria subjetividade envolvida com as questões estudadas:

“(...) Quando elegi a minha própria sociedade como objeto de pesquisa, assumi, desde o início, que fatalmente a minha subjetividade deveria ser, permanentemente, não só levada em consideração, mas incorporada ao processo de conhecimento desencadeado. Ou seja, deveria tentar não escamotear sua ‘interferência’, mas aprender a lidar com ela. Assim, permaneci comprometido com a obtenção de um conhecimento mais objetivo, sem que isso significasse uma estéril tentativa de anulação ou neutralização de meus sentimentos, emoções e crenças.” (Velho, 1986, p.17-18)

Retomando rapidamente o ponto de onde havíamos iniciado, gostaríamos de acrescentar que, alguns dos entrevistados falaram com desenvoltura desde o início das entrevistas, enquanto outros iam ficando mais à vontade aos poucos. Houve casos em que se mostraram intensos e passionais, chegando a dar a impressão de estarem aproveitando a ocasião até para “desabafar” algumas mágoas. Um se auto-intituiu como “verborrágico”, outros faziam questão de explicar com detalhes as razões pelas quais pensavam ou agiam de determinada maneira. Algumas destas explicações tinham um tom bastante psicologizado, o que não chegou a constituir uma surpresa, na medida em que é comum observar tais manifestações em indivíduos integrantes das classes médias urbanas (Velho, 1986 e 1987; Goldenberg, 1991). No caso de nossos entrevistados, a psicologização de seus discursos pode refletir também o fato de cinco deles já terem tido contato pessoal direto com a psicanálise ou com algum tipo de psicoterapia e, vale lembrar que, dois dos que nunca haviam se submetido a

² Ver capítulo 4, nota n.1, p.71.

nenhum tratamento deste tipo, disseram que pensavam em fazê-lo algum dia, um dos quais, começou a fazer análise pouco depois de ter participado da pesquisa.

Resistências iniciais...

Houve apenas três casos de atitudes que podem ser interpretadas como resistência por parte dos entrevistados, dos quais dois pertenciam ao grupo dos homens mais jovens. Ambos eram filhos de pessoas conhecidas da entrevistadora e, quando foram consultados por seus pais sobre a possibilidade de participarem da pesquisa, pareceram um pouco apreensivos e quiseram saber do que se tratava em detalhes. Como não obtinham as respostas que buscavam, antes de se decidirem a conceder as entrevistas perguntaram reiteradas vezes: “Mas o que é que ela quer saber?” “O que é que ela vai perguntar?” “Essa pesquisa é pra quê?” “Eu vou ter que responder tudo?” “Eu posso não responder alguma coisa se não quiser?”

Uma vez que aceitaram participar, fizemos contato diretamente para marcar data, hora e local para realização das entrevistas. Com um deles (Eduardo, 25 anos) o processo foi relativamente complicado e quando, finalmente, chegou a data marcada para nosso encontro, fizemos contato para confirmar o horário combinado e, ainda assim, ele chegou quase meia hora atrasado, dizendo que não poderia demorar muito, pois tinha um outro compromisso logo em seguida. Sua apreensão era evidente, apesar de ter sido simpático em oferecer *drinks* e salgadinhos, que foram aceitos como forma de tentar amenizar um pouco do clima tenso que havia se agravado pela constatação de seu desconforto. Em poucos minutos, “quebrado o gelo” inicial, Eduardo passou a falar com tanta naturalidade que era até difícil acreditar que se tratava da mesma pessoa que anteriormente havia colocado tantas barreiras ao nosso contato. Por fim, obtidas todas as informações pertinentes ao estudo em questão, a entrevistadora teve que lembrá-lo por duas vezes de seu próximo compromisso, ao que ele respondia: “Não, tudo bem, o pessoal pode esperar, o papo tá tão bom!” Salientamos ainda que sua entrevista foi a segunda mais longa de todas.

Diferentemente de Eduardo, Daniel (24 anos) manteve-se reservado durante todo o tempo de duração da entrevista, mas, à sua maneira, foi cordial e colaborativo, o que, ao final, pareceu não muito diverso de sua forma habitual de lidar com suas namoradas e suas emoções, em geral.

Outras situações interessantes que ocorreram antes mesmo da realização das entrevistas foram relativas a Paulo (41 anos), Victor (47 anos) e Rui (43 anos). No caso de Paulo, nosso primeiro contato foi por *e-mail*, através do qual foi sondada sua disponibilidade de tempo, uma vez que é executivo de uma empresa multinacional, um homem tipicamente muito ocupado, que costuma viajar regularmente para fora do país. Reproduzimos abaixo sua resposta também via *e-mail*:

“Podemos conversar, sim, mas você precisa saber que eu sou um cara muito ‘pé no chão’ em termos de emoções e sentimentos. Amor, paixão, sentimentos íntimos, etc..... são importantes, mas administro isso de forma muito básica, muito preto no branco, sem grandes elucubrações. Não consigo me ver indo a um terapeuta/analista para resolver problemas íntimos. Talvez não seja o entrevistado ideal.” (Paulo, 41 anos)

Sua resposta nos suscitou de imediato algumas questões: Mas quem disse que a entrevista seria para falar sobre problemas? Por que Paulo associou a proposta de falar sobre sua vida afetiva com a idéia de falar sobre problemas? Será que pelo fato dos profissionais envolvidos na pesquisa serem psicólogos ele pensou que, necessariamente, deveria falar sobre seus problemas como numa sessão de psicoterapia e/ou de psicanálise? O que ele realmente entende por um “entrevistado ideal”? Pareceu-nos que esta sua noção de “ideal” estava atrelada aos novos estereótipos de *homem feminino*, *homem sensível* e afins, mas nossa curiosidade teve que esperar até o final de todo o processo de análise das demais entrevistas.

Muito interessante foi observar a argumentação de Victor, que também se considerava inadequado para a pesquisa por razões diametralmente opostas às de Paulo. Em contato telefônico, Victor disse mais ou menos o seguinte:

“Olha, pra mim não tem o menor problema conversar com você, seria até um prazer participar da sua pesquisa, mas é que eu acho que eu não sirvo pro que você tá querendo, pois eu não sou um homem muito comum... eu sou meio diferente dos homens normais, sabe? Porque eu não tenho nada desses machões... Eu, na verdade, sou um cara muito feminino, eu choro, dou banho em filho, faço feira, supermercado... essas coisas que mulher diz que gosta muito, mas...”
(Victor, 47 anos)

Sua abertura em nos relatar suas experiências era tal que Victor continuou falando por vários minutos até que, não obstante o enorme interesse que suscitava, foi delicadamente solicitado a deixar suas revelações para o momento da entrevista propriamente dita. Ou seja, apesar de seu sentimento de inadequação por considerar-se muito diferente da maioria dos homens, sua atitude durante todo o tempo não pode ser, absolutamente, considerada como resistente. Até pelo contrário, sua participação foi bastante colaborativa desde o início.

Por fim, mas não menos importante, citamos o caso de Rui, que insistiu em ser entrevistado, mesmo não sendo recomendável sua participação na pesquisa, devido à sua proximidade com a entrevistadora. Rui é namorado de uma pessoa conhecida e, apesar de não manterem quase contato algum além de duas ou três ocasiões sociais por ano, foi, inicialmente, contactado apenas para que indicasse algum amigo seu. De imediato ele quis participar, mas sua oferta foi gentilmente recusada mediante as devidas explicações. Alguns dias depois ele nos procurou dizendo que não tinha nenhum amigo para indicar no momento e, refutando todos os nossos argumentos, insistiu em participar dizendo que não havia problema algum, ao que acabamos cedendo, mesmo receando não ser plenamente adequado.

Preconceito por parte da entrevistadora?!

Outro exemplo de como a subjetividade da entrevistadora pode ter influído em suas avaliações diz respeito à entrevista de Gabriel (30 anos), que parecia querer se livrar logo da incumbência, mas ao final perguntou: “Só isso?!” Num primeiro momento, sua fala pareceu por demais econômica. “Fala masculina”, talvez, muito objetiva, curta, sem muitos detalhes, sem muitas explicações ou adjetivos. A análise desta entrevista em particular foi uma excelente oportunidade de observar os efeitos da fala de um homem sobre a própria escuta de uma entrevistadora mulher. Vale lembrar, novamente, o aspecto de tensão subjetiva, apontado em Mendes de Almeida (1995) e Tannen (1990) dentre outros, quando masculino e feminino se encontram e tentam dialogar.

Na verdade, em alguns momentos, a tarefa talvez tenha excedido alguns limites pessoais da entrevistadora, que por vezes se questionou sobre a aparente impossibilidade de ouvir homens com “ouvidos de mulher”. Mas se esta foi a escuta que pôde ser realizada, como fazê-lo de outra forma?

Gabriel falou pouco, mas não se negou a responder nenhuma questão, não se esquivou, falou sobre sua intimidade na medida do que lhe foi solicitado, se não falou mais foi porque a entrevistadora esteve todo o tempo preocupada em não ser excessivamente invasiva. Afinal, há que se levar em consideração o fato de que os sujeitos, que colaboraram oferecendo suas experiências e seus discursos como material para a realização deste estudo, foram procurados por nós, não foram eles que bateram à nossa porta solicitando que ouvíssemos suas questões como acontece nas situações clínicas. Por esta razão, a preocupação em não tentar ultrapassar determinados limites pode ter sido até prejudicial no que diz respeito à quantidade de informações obtidas. Mas, mesmo nos casos em que talvez pudéssemos ter nos detido um pouco mais em determinados pontos, acreditamos que conseguimos manter a qualidade desejada.

Ainda com relação ao aspecto intersubjetivo da situação de entrevista, analogamente ao que ocorreu com Gabriel, os sujeitos que falaram de modo mais expansivo e, por vezes, ruidoso, inicialmente, causaram uma certa estranheza. Vale, então, perguntar: Caso se tratasse de mulheres, será que a forma destes sujeitos se expressarem teria causado o mesmo impacto na entrevistadora? Será que justamente pelo fato de serem homens e de, no fundo, ter sido esperado que falassem menos um pouco, acabaram dando a impressão de desviantes? Neste caso, cabe ainda indagarmos a respeito da própria noção de desvio em questão. Desvio em relação a quê? Em relação aos estereótipos de gênero, é claro! Em relação ao que se espera de um homem, mesmo quando se pretende objetivamente vê-lo com olhos mais isentos, como se isso fosse subjetivamente possível, sobretudo quando o olhar da entrevistadora continua sendo feminino...

Bem, feitas estas ressalvas iniciais, apresentaremos a seguir as categorias centrais de nossa análise. Gostaríamos de lembrar, contudo, que o material obtido é extenso e não será possível, neste momento, expor tudo o que nele encontramos. Nos ateremos, portanto, ao que diz respeito mais estritamente às questões que nos colocamos com relação ao papel dos estereótipos de gênero nas vivências amorosas de nossos entrevistados, apesar de termos sempre em mente uma imagem mais global do que foi observado durante a análise das doze entrevistas realizadas.

5.2.1. Categorias de Análise

5.2.1.1. O sentimento

Como vimos no capítulo anterior, ao discutirem os problemas relacionados à identidade masculina, alguns autores afirmam uma grande dificuldade por parte dos homens em entrar em contato com seus próprios sentimentos, chegando ao extremo de sequer reconhecê-los, em alguns casos. Veremos a seguir como isto se apresenta no discurso dos homens por nós estudados.

Há seis meses Daniel retomou um namoro de três anos que havia sido interrompido, pois a namorada fora morar um ano no exterior. Ainda incerto quanto ao futuro da relação, conta sobre as dificuldades que têm surgido durante este período de readaptação.

“No começo foi bem difícil, porque você nem tá começando do zero, nem é o relacionamento de antes... é esquisito isso... porque é a mesma pessoa, você pensa que já conhece, mas ao mesmo tempo não, né... Se ela acha que eu mudei, imagina ela!” (Daniel, 24 anos)³

Diz que atualmente o relacionamento talvez esteja “um pouco mais sério” se comparado à experiência anterior, tanto em termos de “compromisso” quanto no que diz respeito a uma maior grau de “intimidade e unidade”. No entanto, não consegue definir o sentimento em si:

“Ela não é só uma pessoa que eu namoro... é um pouquinho mais...”
(Daniel, 24 anos)

Fábio fica a maior parte do tempo “solteiro” e raramente se envolve por muito tempo com alguém, mas com relação à pessoa com quem se relacionou durante mais tempo afirma o seguinte:

“Alguma coisa me ligava muito a ela, mas hoje eu vejo que eu já gostei até mais de outras pessoas, só que de repente não durou tanto, entendeu? Por algum motivo que eu... talvez eu tenha amadurecido mais e aprendido a lidar com certas coisas e... aí as coisas mudaram um pouco. Então, eu comecei a ver as coisas de um outro jeito e... até ser mais sincero mesmo... comigo, assim, com os meus

³ As reticências indicam pausas breves, denotando reflexão ou hesitação; as palavras sublinhas indicam ênfase no tom de voz do sujeito.

sentimentos e quando não dá certo uma coisa eu corto, como eu fiz. E, de repente, eu antes não fazia isso...” (Fábio, 26 anos)

Conta que a maioria dos relacionamentos termina pelo desgaste das cobranças e ciúmes, geralmente, infundados. Lamenta que tenha que ser assim, mas, por outro lado, orgulha-se de não mais insistir em manter uma relação em que não se sente bem. Com relação à pessoa de quem mais gostou relata:

“No início era muito legal, mas também acabou desgastando... Eu acho que eu amava ela, sim, mas não tenho certeza... acho que sim... Depois disso eu nunca mais gostei de ninguém assim, nunca mais senti isso... assim, dessa forma... Só a minha primeira namorada mesmo... mas foi uma coisa bem rápida. Essa coisa bem de euforia, né... De repente, agora, eu já tô bem mais tranquilo... você vai amadurecendo, né... e você vai encarando as coisas de outro jeito também...”

(Fábio, 26 anos)

Explica que desenvolveu um certo censo crítico com relação à empolgação inicial, pois sabe que a idealização sempre dá lugar a uma realidade bem diferente.

A experiência de Eduardo é oposta à de Fábio, pois mesmo não estando seguro quanto ao que sente pela namorada, não consegue sair da relação.

“Eu sinto uma vontade incondicional de tê-la ao meu lado, entendeu? Um sentimento poderoso, assim do ponto de vista fraternal e forte do ponto de vista como mulher... mas eu não sei se isso é amor... eu só sei que não tê-la nunca mais ao meu lado deixaria um vazio imenso...” (Eduardo, 25 anos)

Esclarece que está com a mesma pessoa há seis anos e fala longamente sobre uma série de conflitos que tem enfrentado ultimamente. Tem uma ligação muito forte com a namorada, diz que não consegue se imaginar vivendo sem ela, mas algumas vezes provoca discussões como pretexto para se afastar momentaneamente (“tipo dar um tempo”). Admite que a motivação para o afastamento é o desejo de se relacionar com outras mulheres, embora afirme um excelente entrosamento sexual com a namorada. Em tom de confissão, acrescenta que esta é a única maneira de se sentir “menos culpado” por estar sendo infiel, apesar do artifício não surtir muito efeito, uma vez que, em seu íntimo, sabe de suas reais intenções. O que mais o perturba atualmente é o fato de estar sendo pressionado a se casar, pois acredita que depois de casado não poderá prosseguir com este tipo de comportamento. Ao mesmo tempo não tem vontade de terminar

o namoro, pois gosta muito dela e, além disso, tem muita dificuldade em se afastar das pessoas devido ao que se referiu como “um problema de vínculo”.

“Se chegar ao ponto de ter que cortar o vínculo com ela eu sei que eu vou sofrer pra caramba! Eu tenho esse problema, eu tenho pena de terminar com o vínculo... não é pena dela, vê se me entende. Eu tenho esse problema de vínculo com as pessoas, eu me apego muito... não sei lidar... fica parecendo uma perda... Eu tenho esse problema, eu não consigo *move on*... Eu preferiria me apegar menos às pessoas, qualquer pessoa, até amigo mesmo... eu acho que a minha vida seria mais agilizada. (...) Pra mim o mundo ideal seria assim... o ideal seria ter uma pessoa assim e ao mesmo tempo não ter que deixar de fazer nada só pra ficar com ela. Eu seria cem por cento feliz!” (Eduardo, 25 anos)

Não obstante as particularidades do discurso de Eduardo ele espelha um tipo de queixa que surgiu nas falas da maioria dos entrevistados mais jovens, no que diz respeito aos ciúmes excessivos de suas namoradas e à necessidade de um pouco mais de liberdade para estarem com os amigos mesmo que não seja para “azaração” ou “zoação”. Segundo dizem, este “problema” é a principal fonte de “estresse” e “desgaste” dos relacionamentos. A principal exceção foi mencionada por Fred, como mostraremos logo a seguir, além de Daniel e do próprio Eduardo afirmarem ter conseguido “ensinar” às namoradas a aproveitar a companhia de suas amigas sem a presença deles, de tal modo que, hoje, já entendem que eles tenham o mesmo prazer sem que isso represente nenhuma ameaça à estabilidade da relação, até mesmo pelo contrário.

Fred, por sua vez, fala sobre uma ex-namorada com ar de arrependimento, pois acredita que terminaram por “orgulho e imaturidade”:

“Foi por bobagem, sabe... a gente teve uma briguinha à toa e... aí, o tempo foi passando e acabou que um nunca mais ligou pro outro. (...) Ela foi a única que eu acho que eu amei... só que na época eu não sabia disso... Eu gostava de tudo nela, sabe...” (Fred, 26 anos)

Diz que o “único problema” do relacionamento residia no fato dela “estudar demais” e de “sobrar pouco tempo” para ficarem juntos. Ao rememorar a razão da “briguinha à toa” dá a impressão de efetivamente sentir-se desprestigiado pela ex-namorada, apesar de aproveitar estas ocasiões para sair com os amigos sem que ela se queixasse de ciúmes como acontecia freqüentemente com as demais namoradas.

Gabriel fala aliviado do fim de um relacionamento que considerava “meio neurótico”, pois havia pouco respeito pelos espaços individuais e “muitas cobranças” diretas e indiretas de ambas as partes. Atualmente, namora uma menina onze anos mais nova do que ele e parece completamente apaixonado:

“Ela é uma pessoa como eu nunca tive! Por incrível que pareça, completa... Apesar da idade, é muito madura, tem uma cabeça muito boa, nada a ver com o pessoal da idade dela. (...) Eu posso falar, com certeza, que eu a amo de verdade!”
(Gabriel, 30 anos)

Miguel, que diz ter sido pouco “namorador”, vive há onze anos com a “esposa” e seu discurso reflete bem a maturidade do relacionamento:

“Ah, eu acho complicado descrever o que eu sinto por ela... Amor, com certeza! Mas esse amor durante esses onze anos ele foi é... Sabe quando você joga uma pedrinha num rio? As ondas vão, batem na margem, voltam... Eu acho que é mais ou menos isso: ele vai numa direção qualquer e daqui a pouco ele volta a ser igualzinho ao que era há cinco ou seis anos atrás. (...) Eu não sei se é uma evolução... ele muda, mas ele às vezes volta a ser o amor de namorado, né... às vezes meio apaixonado... daqui a pouco já está como amigo de novo, contando as coisas mais íntimas... Fica aí, fica variando nisso...” (Miguel, 40 anos)

Paulo diz que teve “três grandes namoros” antes de conhecer a esposa e fala longamente sobre o último deles. Conta que apesar da “total afinidade sexual” não concordavam em muitos outros aspectos e a família dele era, de certa forma, contra o namoro, pois achava que ele era mais dedicado do que ela. Lembra: “No início eu gostava por nós dois... ela foi a mulher que mais mexeu comigo...” Depois de aproximadamente três anos de freqüentes desentendimentos, acabaram se afastando, pois ele foi convidado a trabalhar um ano fora do Brasil e quando voltou ela já estava de casamento marcado com outro homem.

“Foi uma paixão muito grande e se não fossem esses problemas todos... essas divergências, eu estaria casado com ela hoje, mesmo com a família não gostando...” (Paulo, 41 anos)

Sobre a esposa refere também um excelente entrosamento sexual, além de sentir-se “muito orgulhoso” por ter conseguido constituir uma família nos moldes por ele idealizados. Ao longo da entrevista Paulo dá várias informações que

confirmam um estilo de vida bastante tradicional e marcado por uma série de estereótipos, contrastando muito com os demais entrevistados de sua faixa etária.

“Chegou uma fase em que eu já sabia exatamente o que eu queria: chega de putaria, né, já tá na hora de parar... Eu sempre quis muito uma família certinha, tradicional... Então, eu já tava com quase trinta anos... aí, eu tive a sorte de encontrar a Patrícia que encaixou bem... encaixou bem no meu modelão...”

(Paulo, 41 anos)

Esclarece que o “modelão” a que se refere diz respeito ao estereótipo de “mulher pra casar” e quanto ao que sente por ela afirma:

“Eu amo a minha esposa, tá, mas... eu acho que alguém já falou isso e... já virou até lugar comum, mas depois de três filhos e onze anos de casamento, outras coisas passam a contar no relacionamento, né... Essa coisa do companheirismo, essa coisa do gostar, essa coisa da preocupação... essa necessidade de estar junto... a dedicação dela como mãe, como profissional, como esposa... Quer dizer, essas coisas contam mesmo pra cacete! (...) Eu acho que é isso, né, ela é uma puta companheira e... a gente nunca pode dizer como vai ser o dia de amanhã, mas ela é uma pessoa com a qual eu pretendo viver ainda por bastante tempo.” (Paulo, 41 anos)

Mais tarde acrescenta que amou a namorada anterior de uma outra forma, com muito mais emoção talvez, pois ela “chacoalhava mais a sua vida”, enquanto o amor que sente pela esposa está mais vinculado a uma busca por estabilidade.

“Eu acho que é exatamente isso: com a Ana era uma montanha-russa e com a Tereza é um passeio mais tranquilo, né... Mas era isso o que eu tava buscando, é isso o que eu busco, atualmente...” (Paulo, 41 anos)

Pedro está casado pela quarta vez e fez questão de falar detalhadamente sobre cada um de seus relacionamentos. Refere-se à atual esposa da seguinte forma:

“Essa agora... se você pegar tudo o que eu tô te falando, nessa minha verborragia toda... é a que tem pontos... tudo o que tinha de positivo nos outros relacionamentos ela também tem... e tem mais outros também! Tem coisas negativas? Tem, claro que tem! Mas são coisas que eu já passei e sei que são tranquilas de passar se precisar de novo. É claro que o último [casamento] é sempre aquele que a gente mais bota fé, né... A gente sempre acha que encontrou a pessoa certa naquela hora... Eu já achei isso várias vezes! (Risos) Às vezes eu até brinco: se não for com essa, vai ser muito difícil ser com qualquer outra!”

(Pedro, 41 anos)

Lamenta que as pessoas não costumam levá-lo a sério a este respeito, o que o incomoda “tremendamente”, pois todas as separações foram “muito sofridas”. Lembra que sempre “investiu muito” em todos os relacionamentos e que “preferiria que tivesse dado certo logo com a primeira”:

“Quando eu me casei com a minha primeira mulher eu não queria ter me casado com a segunda, quando casei com a segunda eu não queria a terceira e quando casei com a terceira eu não queria ter me casado com a quarta... E tô na quarta! E não quero a quinta! Então as pessoas desvalorizam isso, achando que é fácil pra você e não é... é muito difícil! (...) Se você acredita naquilo, você não vai querer ver acabar... mas as pessoas não entendem... inclusive, porque a maioria continua muita cretinamente, junto, sim, mas falando mal um do outro! Não é isso o que eu quero pra mim... eu acho que eu ainda sou um romântico, entendeu... eu quero acreditar nisso... eu quero uma relação que valha a pena de verdade... em todos os sentidos...” (Pedro, 41 anos)

Ao que parece Pedro permanece em busca da realização do desejo idealizado de uma relação “completa” e quanto ao sentimento com relação à esposa atual, diz:

“O que eu tenho pela Júlia é o amor que eu sempre quis ter: amor com tesão, com paixão, com amizade, tudo! Tudo de mais profundo e de muito mais forte! Porque tesão não é paixão e paixão não é amor, mas com ela eu tenho tudo isso junto!”
(Pedro, 41 anos)

Rui é divorciado e há dois anos reencontrou uma ex-namorada do tempo de adolescência. Conta que sempre foi “muito mulherengo” e que até reencontrá-la nunca havia entendido porque jamais a havia esquecido, nem porque sempre se lembrava dela com tanto carinho toda vez que passava pela rua onde morara há quase vinte anos atrás. Diz que era “muito arrogante e egoísta” e que esta é a primeira vez em que “entra de cabeça” em um relacionamento, apesar de achar que “abriu demais a guarda”, uma vez que “ela não se entrega muito facilmente”. Assim como Pedro e Gabriel, Rui parece bastante apaixonado, apesar de não tão esperançoso como os demais no que diz respeito ao futuro do relacionamento.

“Ela é a mulher da minha vida! Eu amo a Beatriz demais! (...) O amor é o lado maduro, o negócio do companheirismo, das qualidades, né... mas também tem o lance da paixão, né, essa coisa química... Eu falo pra ela que eu gosto dela de graça! (...) Eu gosto de estar com ela, eu gosto de sair com ela, eu gosto de ver televisão com ela... eu gosto de tudo com ela! (...) Eu me sinto completo com ela... eu só gostaria que ela tentasse resolver essa coisa, né... fazer essa viagem

dentro dela... esse amadurecimento dos sentimentos, entendeu... dar um pouco mais de abertura... Eu gostaria de ter reencontrado ela há uns dez anos atrás... se bem que naquela época talvez não tivesse dado certo, mas, se eu pudesse, ela seria a mãe dos meus filhos e eu seria o pai do filho dela. É por aí que eu penso, eu gostaria que ela fosse a mulher com quem eu vou viver pro resto da minha vida...” (Rui, 43 anos)

Tadeu já foi casado duas vezes e vive com sua terceira companheira há quatro anos. Teve apenas uma namorada antes de se casar pela primeira vez e todas as demais tornaram-se suas esposas.

“Ah, eu amo a Joana, claro! Assim como amei as outras... não que tenha amado igual, porque nunca é igual, mas... eu já amei, já me apaixonei diversas vezes! É muito bom! Eu acho que o amor é uma coisa natural e... que faz parte da nossa dimensão humana... Isso parece chavão, mas é uma coisa muito comum e... ao mesmo tempo muito especial e... você não querer se apaixonar é você querer negar a sua própria humanidade.” (Tadeu, 45 anos)

Tadeu faz referência e cantarola um trecho de uma canção pouco conhecida de Geraldo de Azevedo e Renato Rocha, cuja letra reproduzimos abaixo. Chamamos desde já a atenção para o fato de que mais adiante ele vai discorrer sobre as limitações da linguagem para comunicar os sentimentos.

Inclinações Musicais

Quem inventou o amor
Teve certamente inclinações musicais
Quantas canções parecidas
E tão desiguais
Como as coisas da vida
Coisas que são parecidas
Feito impressões digitais
No violão essa mesma subida
Na voz a rima de sempre
Coração, essa mesma batida
Que bate tão diferente
Quando acontece na gente
O mesmo amor
É um amor diferente demais
Quem inventou o amor
Teve certamente inclinações musicais

Geraldo Azevedo / Renato Rocha

Victor foi casado durante oito anos, está separado há onze e não mantém nenhum relacionamento estável atualmente, mas relata vários amores e paixões desde que se separou. Curiosamente, também emprega uma referência musical para descrever a forma como lida com suas emoções.

“Eu sou um apaixonado por natureza! Quando o Lulu Santos falou que ele era o último romântico é porque ele não me conhecia! (Risos)” (Victor, 47 anos)

Esclarece que a ex-esposa não foi a mulher que mais amou e que hoje, após tantos anos, “fica até difícil dizer exatamente o que sentia por ela”, inclusive porque nos últimos anos o relacionamento foi muito conturbado, o que contribuiu para que tivesse confundidas também as emoções.

Vicente foi casado durante quatorze anos, está separado há dois anos e, apesar de ter inicialmente parecido bastante expansivo e bem-humorado, em alguns momentos falou de forma visivelmente emocionada, com a voz embargada e os olhos marejados. Nestas ocasiões, chegamos a propor interromper a entrevista, mas ele insistia em prosseguir. Sobre seu sentimento pela ex-esposa disse o seguinte:

“Eu tava, assim, querendo achar alguém e achei! (...) É, eu queira uma companheira... mas, claro, rolou uma paixão louca também! Pô, teve dois anos disso... no início eu era muito feliz...” (Vicente, 47 anos)

Em outro momento da entrevista, ao relatar sobre um período de muita prosperidade financeira, devido ao grande sucesso de sua banda, que coincidiu com a gravidez da esposa e o nascimento da filha, ambos muito desejados e celebrados, Vicente acrescenta:

“Pô, cara, lua-de-mel eterna! (...) Você tá com a família que ama e... p-, cara, p-q-p! Se eu fosse dizer... eu sou um privilegiado! Eu já cheguei... eu sei o que é o céu!” (Vicente, 47 anos)

A partir destes relatos podemos observar uma espécie de incerteza ou pouca clareza por parte dos entrevistados mais jovens com relação à definição do que sentem ou sentiam por suas namoradas ou ex-namoradas. Os mais velhos, por

outro lado, parecem já ter tido mais tempo para se questionar a este respeito, apresentando-se um pouco mais seguros neste aspecto.

5.2.1.2. A comunicação

Como veremos a seguir, as respostas de nossos entrevistados variaram denotando posturas desde as mais reservadas até as de franca exposição de sentimentos também nesta categoria.

Fábio conta que, em geral, suas namoradas não sabem muito a respeito de seus sentimentos, porque não costumam conversar sobre isso. Vale lembrar que, com exceção de um único namoro que durou um ano e meio e que terminou há aproximadamente dois anos, seus relacionamentos raramente passam de cinco ou seis meses, a maioria dura em torno de três ou quatro meses apenas. Ou seja, talvez nunca cheguem ao ponto em que se tornam comuns os momentos de “discutir a relação”, apesar de ter afirmado que sempre há “muitas cobranças” e que, por esta razão, a “empolgação do início acaba esfriando”. De qualquer forma diz:

“É difícil uma pessoa conversar sobre essa coisa assim... ou porque tem vergonha ou porque, de repente... acha que está se expondo demais....” (Fábio, 26 anos)

Carinho, atenção, interesse, preocupação e companheirismo foram citados pela maioria dos entrevistados como importantes vias de comunicação do sentimento por suas companheiras. Os sujeitos que se limitam a estas formas de demonstração, sem conseguirem expressar verbalmente o que sentem, dizem que suas companheiras não chegam a questionar seus sentimentos, porque os “conhecem” e conseguem, de alguma forma, interpretar suas atitudes.

“Eu nunca fui muito de falar, eu sou mais de demonstrar...” (Eduardo, 25 anos)

“Eu já fui mais de falar... eu não sou de ficar fazendo declaração de amor e tal... mas eu sou muito carinhoso, eu sou bastante atencioso... com ela e com as coisas dela...” (Daniel, 24 anos)

“Eu sempre fui muito fechado e ela reclamava que eu não conversava da relação, eu não gostava de ficar discutindo... Eu não sou de falar, prefiro agir do que ficar, assim, conversando... Mas eu faço questão de mostrar, né... com gestos e... com

atitudes que também servem pra mostrar o que eu tô sentindo, né... e aí, pô, dava pra ela saber...” (Fred, 26 anos)

Mais adiante Fred acrescenta que “gosta muito de agradar e fazer surpresas” e, para tal, lança mão de uma série de comportamentos bastante tradicionais:

“Todo mês, no aniversário de namoro, eu mandava flores com cartão... às vezes, a gente saía pra jantar fora, assim do nada... nenhuma data... e eu passava antes no restaurante e deixava um buquê com o maître pra entregar mais tarde. Eu gosto, sabe, dessas coisas...” (Fred, 26 anos)

Paulo não admite textualmente a dificuldade em falar de seu sentimento para a esposa, afirma “fazer o básico” e acha que ela “sabe de sua importância na vida dele”. Esclarece que “fazer o básico” significa estar atento, elogiar e também criticar...

“Eu falo, eu falo... eu faço o básico, né? (...) Eu não sou aquele cara de aparecer com flores, eu não sou aquele cara de aparecer com alguma coisa diferente... Não sou. Mas, eu elogio quando ela tá bonita... eu percebo coisas quando mudam com ela, também critico quando não gosto. Eu acho que eu n-não deixo... eu reparo nessas coisas e eu comento. Agora, aquela coisa do romantismo tradicional eu acho que eu não sou, não...” (Paulo, 41 anos)

Miguel diz que sempre conversou muito com a esposa sobre diversos assuntos e que eles têm uma ligação muito forte de companheirismo, amizade e cumplicidade desde quando ainda sequer namoravam. Conta que eram tão unidos que um amigo comum os chamava de “Tamba e Tajá”. Explica:

“São duas árvores que, segundo dizem, só crescem uma ao lado da outra. Você não vê um tajá sem que haja uma tamba por perto e vice-versa... eles vivem juntos... lá no interior do Brasil...” (Miguel, 40 anos)

Apesar da poesia de seu relato, não foi nada fácil saber como expressa o que sente por sua esposa, pois Miguel parece ser muito tímido. Em alguns momentos suas respostas foram evasivas, dificultando o acesso ao que queríamos saber, uma vez que, como já dissemos, procuramos respeitar ao máximo os entrevistados, evitando constrangê-los além do mínimo inevitável e inerente à

própria situação de entrevista. Mesmo assim, é possível que para ele, mais do que para os outros, tenha sido um pouco penoso falar sobre sua vida íntima, apesar de tê-lo negado quando perguntado ao final da entrevista.

“É... a gente bate muito papo, né... a gente fala sobre como se relacionar com as crianças e... falamos bobagens também. (...) Falamos sobre nós, claro!”

(Miguel, 40 anos)

Alguns dos sujeitos entrevistados não aparentaram ter nenhuma dificuldade em falar abertamente sobre o que sentem por e para suas companheiras, chegando, algumas vezes, a ser bastante enfáticos em seus relatos.

“Eu sou daqueles que abre porta, puxa cadeira, manda flores, escreve cartão, faz declaração de amor... tudo bem paraíba mesmo! (Risos) São coisas bem ultrapassadas... o que não deveria... eu falo mesmo que eu gosto e não tô nem aí! Os valores estão invertidos de uma maneira que, pô, nada a ver...”

(Gabriel, 30 anos)

“Eu demonstro o que eu sinto por ela em atos, em palavras, em atitudes... eu sou parceiro, sou companheiro... lavo, passo, cozinho... (Risos) Eu digo, conforme eu te falei, e ela sabe disso... que ela é a mulher da minha vida! E eu demonstro isso... eu falo, eu compro flores, presentes... coisas bobas, sabe, não necessariamente presentes caros... faço cartãozinho, elogio... Eu encho a bola dela o tempo todo e ela diz que eu tô lambendo ela! Aí eu digo: ‘Não tô lambendo nada, isso é carinho sua boba!’” (Rui, 43 anos)

“Ah, eu sempre fui muito amoroso com as pessoas... de falar, de escrever... eu nunca tive medo de mostrar aquilo que eu tô sentindo por uma pessoa, entendeu? Assim como não tenho medo de me entregar em qualquer relacionamento. Simplesmente não tenho medo, porque eu sei que se acabar eu não morro. (...) Eu não tenho medo de ser feliz... e se tiver que sofrer, eu sofro também! (...) Eu sempre fui muito amoroso, mandava flor... só que com a mãe do meu filho era aquela coisa, né: ‘pô, você aprontou alguma!’ (...) Mas, diferente da maioria dos homens que eu conheço, eu sempre demonstrei muito os meus sentimentos sem problema nenhum...” (Victor, 47 anos)

“Todas sempre souberam de tudo o que eu penso e sinto, porque eu sempre falei. Todas elas sempre souberam o que elas tinham que me fazia feliz e o que elas tinham que não batia e em que proporção. (...) Então, eu sempre falo, as coisas boas e as coisas ruins... sabe, eu sou daqueles homens que gostam de discutir a relação. (Risos) Eu falo, eu falo muito até! Faço declaração de amor, choro... eu me reservo o direito de chorar, de rir e de xingar. (...) As minhas reações até não são consideradas, às vezes, pelo grande público, adequadas, mas eu me reservo o direito de colocar pra fora como eu acho que tenho que colocar, tá. É claro que cometo muitos enganos... muitas falhas... isso, assim, do lado ruim... mas em

compensação, do lado bom... Eu adoro pegar a minha mulher e beijar, dizer que eu a amo, que morro de tesão por ela! Adoro mandar flores, adoro comprar presente! Adoro todas estas coisas! Como adoro receber também!”⁴

(Pedro, 41 anos)

Tadeu foi um pouco menos eloquente e fez uma distinção entre dois momentos do relacionamento. Afirma se expressar “tranqüilamente” quando já é íntimo da pessoa, mas alega dificuldades de fazê-lo quando ainda não tem certeza se seu sentimento é correspondido.

“Ah, eu digo, assim... que sou apaixonado por ela... e todas aquelas coisas... sem o menor problema! Ainda mais quando a gente é correspondido, quando a gente pode dizer tranqüilamente. (...) A gente só se sente intimidado quando a pessoa não corresponde ou quando a pessoa não é íntima, mas quando a pessoa já é íntima e... é uma pessoa que a gente entende que é... de preferência que esteja apaixonada pela gente também, é tranqüilo... Mas, eu acho que falar textualmente é um negócio complicado prá mim. Eu preciso ter certeza de que eu vou ser bem recebido antes de falar... E tem uma série de mensagens, assim, não verbais que a gente recebe, né... existe uma comunicação não explícita desse assunto antes de você falar explicitamente que tá apaixonado... eu me sinto pouco confortável prá abrir o assunto diretamente...” (Tadeu, 45 anos)

Um pouco mais adiante Tadeu acrescenta que nem sempre consegue transmitir a totalidade de seu sentimento, mesmo quando já está envolvido com a pessoa há algum tempo:

“Eu acho que às vezes eu passo muito a impressão de ser uma pessoa fria. Porque eu sou muito distraído, eu sou muito brincalhão e... normalmente, a paixão, ela é... eu acho que ela é associada a uma pessoa que é focalizada, que é intensa... e eu sou distraído e brincalhão... então, os dois conceitos são um pouco antagônicos... Então, eu acho, às vezes, que a pessoa acha que eu tô brincando ou que eu não tô levando a sério...” (Tadeu, 45 anos)

Como não estava claro o que queria dizer, prosseguiu com uma reflexão bastante interessante sobre a problemática da comunicação do sentimento e falou quase teoricamente sobre sua dificuldade pessoal:

“Não sei, eu acho que ser apaixonado é um negócio muito profundo, que tem muitas facetas, e você transmitir isso completamente... eu acho que esbarra um

⁴ É interessante notar que, assim como Paulo, Pedro relata também sobre a expressão do que Vicente vai chamar mais adiante de “maus sentimentos”. Deixamos indicada aqui a idéia de que, não obstante hajam idealizações, estes homens também parecem realistas, além de deixarem transparecer também uma certa dureza ou frieza...

pouco no próprio meio da linguagem. Você prá transmitir isso... muito bem... você precisa ser uma pessoa que domina muito bem a linguagem... e mesmo assim eu acho difícil. Eu acho que você transmitir isso, às vezes, é pontual. Às vezes, você consegue dar essa impressão, mas, reiteradamente, é difícil. Eu acho difícil você comunicar a sua paixão reiteradamente e ser... até ser sincero reiteradamente. Porque a sua paixão flutua com o tempo e, às vezes, você está mais imbuído da paixão... e tá mais imbuído do desejo de ser compreendido na sua paixão. Eu acho que a comunicação verbal ela é só corroborativa, mas ela não é... ela não transmite a paixão... Duvido! A não ser que seja um poeta, mas esse não é o meu caso. (Risos)” (Tadeu, 45 anos)

Tadeu aponta uma dificuldade sua como sendo de ordem lingüística, mas não necessariamente relacionada a uma questão específica de gênero, e talvez possamos afirmar com alguma segurança que este foi o motivo que o levou a cantarolar uma canção quando tentava explicitar o seu próprio sentimento.

Vicente também foi muito vago quanto aos recursos que costumava empregar na comunicação de seu sentimento para a ex-esposa:

“Claro que ela sabia, eu demonstrava! (...) Ah, várias coisas, vários momentos... carinho... a gente se curtia... via filme juntos, almoçava juntos... sempre saíamos juntos...” (Vicente, 47 anos)

Como é compositor, perguntamos se fez letra de música para a ex-esposa, ao que ele respondeu: “Fiz. Claro que fiz! Pior é que foi no final, você acredita?” Logo em seguida, divaga teorizando sobre o processo de construção de uma letra de música ou de um poema e sobre como as palavras bem combinadas podem formar um bela estética sem necessariamente expressar um sentimento real.

“Letra de música é uma coisa muito engraçada, sabe? Porque você vai montando a coisa... sobre um sentimento... mas não necessariamente... Por exemplo, eu tenho uma música que eu fiz... uma música que era... eu amo alguém que eu não conheço. (Longa pausa) Então, quer dizer, você sempre foca essas coisas... quer dizer, letra de música... eu não considero, assim... um parâmetro de gostar, entendeu? Não considero. Assim como não considero a grande poesia... a poesia quando o cara ssssseente (sussurra lentamente enfatizando a idéia de um sentimento profundo)... Eu não acredito nisso. Eu acredito que as palavras, elas têm combinações... e à medida que elas combinam, elas formam pensamentos, entendeu? Elas não são... eu não acredito nessa coisa de dizer: ‘Nossa, que palavras bonitas!’ (Pausa) Não, tudo bem, você pode até escrever bonito, mas não... pode escrever de uma maneira genial... mas não necessariamente com aquela coisa, aquele sentimento que as pessoas conf-... pensam que é...”

(Vicente, 47 anos)

Insistimos um pouco mais para tentar saber se ele conseguia ou não encontrar as palavras para expressar o que realmente sentia, seja falando diretamente ou através de uma letra de música, ao que ele respondeu da seguinte forma:

“Às vezes você até acerta, entendeu? Tem até uma música do Gil, eu acho que se chama Drão, que fala justamente sobre a mulher dele. Ele consegue fazer isso... não sei, eu fico meio... eu ficaria meio incomodado de falar sobre isso assim... de falar sobre um mau sentimento, sei lá...” (Vicente, 47 anos)

Não restam dúvidas de que Vicente ainda está tentando elaborar as perdas da separação e este tema foi diversas vezes por ele retomado, mesmo quando não era por nós colocado em questão. Reproduzimos abaixo a letra da música à qual ele se referiu, pois entendemos que ela espelha bem o que pudemos perceber durante sua entrevista.

DRÃO

Drão, o amor da gente é como um grão
uma semente de ilusão
tem que morrer pra germinar
plantar nalgum lugar
ressuscitar no chão nossa semente.

Quem poderá fazer aquele amor morrer?
Nossa caminhadura
dura caminhada pela estrada escura.

Drão, não pense na separação
não despedace o coração
o verdadeiro amor é vão
estende-se infinito, imenso monolito
nossa arquitetura.

Quem poderá fazer aquele amor morrer?
Nossa caminha dura
cama de tatame pela vida afora.

Drão, os meninos são todosãos
os pecados são todos meus
Deus sabe a minha confissão
não há o que perdoar
por isso mesmo é que há de haver mais compaixão.

Quem poderá fazer aquele amor morrer
se o amor é como um grão?
Morre e nasce, trigo, vive e morre, pão.

Drão...

Gilberto Gil

Estas não são palavras proferidas por Vicente, mas são as que ele indiretamente elegeu para se referir à paixão que se desfez em meio às dificuldades do cotidiano, mas que, de sua parte não implicou na anulação do desejo de prosseguir com a parceria, pois provavelmente deu lugar a um amor maduro. Ao ouvirmos a música e lembrarmos o relato de Vicente ficamos com a impressão de que ele gostaria muito de ter sido compreendido em suas particularidades e aceito em suas limitações. Após dois anos de separação ele ainda se diz “muito mexido” e temeroso quanto a se envolver novamente, apesar de precisar disso tanto quanto de “um alimento”.

“Pô, eu sou um cara que... vivo, preciso disso... até pra minha sobrevivência mental! Mas é gozado... é uma cilada também, entendeu? Quer dizer... pela segunda vez... eu não sei se eu viveria isso... de novo...” (Vicente, 47 anos)

Se para uns não é fácil falar do amor, para Vicente, durante nossa entrevista, não foi possível falar senão da dor do fim do amor, um sentimento talvez tão ou mais difícil de ser expresso quanto o próprio amor em si.

5.2.1.3. Palavras, flores e gestos

Flores, cartões, presentes, jantares, surpresas... comportamentos bastante tradicionais e estereotipados por parte de quase metade dos entrevistados, cinco no total, dois do grupo mais jovem (Fred e Gabriel) e três dos mais velhos (Pedro, Rui e Victor). Diante destes números, algumas questões surgiram de imediato. O que será que isto quer dizer? Será que se trata meramente de galanteio ou cavalheirismo? Estariam estes homens ainda presos a convenções? Por que razões? Será que estes comportamentos poderiam estar a serviço da dificuldade de falar explicitamente sobre o sentimento? Esta talvez seja uma solução interessante, pois, agindo desta forma, é possível ao mesmo tempo atender a uma

provável demanda da companheira e expressar o que sente por ela, sem ter que passar pelo constrangimento de falar sobre isso.

Gabriel, Pedro, Rui e Victor não parecem se enquadrar nesta hipótese, pois além de darem flores, cartões, etc... também falam abertamente sobre seus sentimentos. Fred é o único que se diz “muito fechado” e não se dispõe a expressar oralmente o que sente — expressa-se por escrito através dos cartões —, mas não pareceu lançar mão destes comportamentos de forma deliberadamente compensatória, uma vez que diz realmente ter prazer em agir romanticamente. É bem verdade que este prazer pode estar relacionado ao alívio de ter encontrado uma alternativa para externar seus sentimentos, uma vez que não se sente à vontade para fazê-lo de outra forma. Em todo caso, isto pode significar também que, apesar da dificuldade em dizer o sentimento, Fred não deseja esconder-se atrás de uma máscara de “durão insensível” e acaba preferindo a do romântico tradicional.

No caso de Gabriel, Pedro, Rui e Victor, como dissemos, não há sinais evidentes de que as flores e os presentes estejam substituindo as palavras, nem são um subterfúgio para não terem que falar sobre o que sentem. Se tomarmos por base a argumentação de Tadeu, isto é, a noção de que a linguagem não é suficiente para expressar a totalidade do sentimento, sendo, por conseguinte, meramente “corroborativa”, talvez os comportamentos tipicamente românticos empreendidos por estes homens sejam apenas uma das possíveis maneiras de tentarem complementar o que talvez jamais possam expressar plenamente por nenhuma via isoladamente, ou sequer conjuntamente. Neste caso, a limitação lingüística talvez não se refira a uma problemática de gênero, pois falar de sentimentos, certamente, envolve uma série muito intrincada de fatores culturais, pessoais, conscientes e, sobretudo, inconscientes. Palavras, flores e gestos podem ser infinitamente repetidos e ainda assim permanecer insuficientes.

E quanto aos demais entrevistados? O que eles dizem a respeito do romantismo mais tradicional?

A questão da espontaneidade e da legitimidade surgiu como argumento fundamental na desqualificação dos comportamentos ditos românticos, por parte de três entrevistados mais jovens (Daniel, Eduardo e Fábio), seja por serem vistos apenas como parte de um jogo de sedução, seja por serem considerados “forçados” e, portanto, ilegítimos. Esta desqualificação vem, na verdade, exprimir

um descontentamento por parte de pelo menos dois deles pelo fato de sentirem-se pressionados a atender às demandas de suas namoradas.

“Eu acho chato esse negócio de romantismo, acho meio piegas.⁵ Não que eu ache cafona, eu acho mesmo... acho forçado. Eu gosto das pessoas no dia-a-dia. Eu não sou uma pessoa rude, mas também não sou de dar flores toda hora, gentileza toda hora, esse nhenhenhem... Acho que tem que ser espontâneo. Mas acho que toda mulher gosta disso e, infelizmente, ela sente falta disso um pouco... ela se queixa d’eu só mandar flores quando a gente briga e eu quero voltar. (...) Na verdade, ela só questiona o meu sentimento porque ela sabe que mudou com relação ao que era antes... porque eu demonstro pouco, porque eu sinto pouco. Não é que seja desinteresse sexual, nada disso... mas eu não me preocupo mais em seduzí-la, não quero mais impressioná-la... No âmbito total o sentimento não diminuiu, até pelo contrário! Só nesse aspecto da conquista e da sedução...” (Eduardo, 25 anos)

“Mais ou menos, eu acho que eu não sou romântico como um romântico de verdade deve ser. (...) Estar sempre agradando, sempre cortejando, sempre dizendo coisas bonitas só pra... eu não sou assim, como um amigo meu que já vai dando logo buquê de flor...” (Fábio, 26 anos)

“Eu gosto de fazer as coisas, assim, quando eu sinto vontade. Eu sou assim com tudo, não é só nessa coisa de romantismo, não. Eu não gosto de fazer nada forçado, só por convenção, tipo... é dia dos namorados, então tenho que dar flor. Eu não gosto desse negócio de cartilha: ‘ah, vou dar flor porque isso é que é ser romântico de verdade’, entendeu? Nada disso, eu gosto de ser romântico assim... eu cultivo, assim, carinho, afeto, mas... quando surge naturalmente, espontaneamente, sem estar cumprindo um ritual... igualzinho a todo mundo. Porque isso que todo mundo faz igual nem sempre é verdadeiro, né... é só pra cumprir um papel, uma coisa que já é esperada... uma coisa mais social do que do sentimento mesmo até. Mas mesmo assim ela gostaria que eu fizesse mais...”
(Daniel, 24 anos)

Ressaltamos que Daniel, Eduardo e Fábio foram os únicos que se manifestaram contra o comportamento romântico tradicional e são igualmente os que aparentaram ter mais dificuldades em expressar-se por quaisquer vias. Sendo assim, podemos inferir quanto a este discurso supostamente menos anacrônico ser apenas uma maneira de encobrir uma real dificuldade em expor o sentimento.

Segundo estes jovens ser “romântico de verdade” diz respeito a um modelo de comportamento que preferem evitar por uma razão ou por outra. No caso de Eduardo, o romantismo que considera “forçado” durante o namoro se torna legítimo nas situações de conquista, em que precisa de artifícios especiais

para realizar seu “marketing pessoal”. Nestas ocasiões fará o que estiver ao seu alcance para passar uma imagem que não necessariamente corresponde à realidade do dia-a-dia, que é justamente quando ele diz perceber o seu sentimento mais autêntico. Daniel, no entanto, apresenta um discurso mais consistente que denota uma reflexão mais imparcial e madura a respeito do tema.

Lembramos, ainda, que Gabriel qualifica seu comportamento romântico de “paraíba” e “ultrapassado”, mas assume sua opção e procede uma crítica no sentido contrário ao dos demais, lamentando o que considera uma “inversão de valores”.

Contudo, nem todos os entrevistados associaram o romantismo a comportamentos tradicionalmente estereotipados. Miguel, por exemplo, que não se acha romântico, mas que gostaria de sê-lo um pouco mais, tanto para atender uma demanda da esposa quanto para usufruir um pouco mais de momentos que costumam ser vividos com uma certa indiferença ou automatismo, define o romantismo por vias distintas das já mencionadas.

“Bom, eu acho que o romantismo é uma coisa muito variável, assim, no sentido de você dar valor pra pequenas coisas (...) dar valor a coisinhas pequenas da vida, né, tipo passear na praia, sair com o cachorro, brincar com os filhos... Eu acho que o romantismo é esse valor de coisinhas pequenas tipo... comer pipoca juntos ou... ficar de mãos dadas dentro de casa... sentar pra ver televisão de mãos dadas, né... e eu faço pouco isso. (...) É, eu acho que eu gostaria de me tocar de vez em quando e, pô, eu podia ser mais romântico com a Sílvia!” (Miguel, 40 anos)

Não tendo conseguido anteriormente esclarecer como demonstrava seu sentimento para a ex-esposa, Vicente diz que tentava “fugir dos lugares comuns”, mas que às vezes não conseguia escapar deles. Sua visão de romantismo não exclui “falar coisas bonitas um para o outro”, mas está mais relacionada a comportamentos de carinho, atenção e companheirismo e dá como um dos principais exemplos o fato de ter insistido para ela concluir o curso universitário.

Deixando de lado as opiniões sobre romantismo e retomando a questão central que diz respeito à comunicação do sentimento, observamos que alguns dos relatos apresentados valorizam as palavras, outros as flores e outros, ambos. Alguns entrevistados consideram problemático o emprego de palavras, outros

⁵ Os dois principais dicionários da língua portuguesa adotados no Brasil, Aurélio Buarque de Holanda e Dicionário Houaiss, definem uma pessoa *piegas* como sendo alguém que “se embaraça com pequenas coisas” ou que é “ridiculamente sentimental”.

desvalorizam as flores. Entretanto, as atitudes de amizade, companheirismo, atenção, carinho, interesse e cuidado foram quase unanimemente referidas, não diferindo muito do que foi encontrado nos estudos que mencionamos no item 4.2. Formas mais inespecíficas e não explícitas de demonstração de apreço foram valorizadas por praticamente todos os homens de nossa amostra, inclusive por aqueles que se expressam mais explicitamente. A valorização destas atitudes pode estar relacionada à valorização da estabilidade do relacionamento e à noção do compromisso para além da influência das paixões. No entanto, não restam dúvidas de que esta valorização pode ser também um sintoma de todo o processo de construção dos estereótipos masculinos de que falamos anteriormente, muito embora a dificuldade de comunicação não tenha sido evidenciada pelo discurso de todos os homens entrevistados.

Com exceção de Eduardo e Miguel, de uma maneira geral, os entrevistados não reportaram um *gap* entre o que sentem e a forma como suas parceiras o percebem. Ou seja, de alguma maneira a comunicação está sendo bem sucedida, mesmo nos casos dos homens menos expressivos, o que se deve muito provavelmente à capacidade interpretativa de suas companheiras.

Nem tampouco foram reportadas muitas queixas das parceiras quanto à falta de carinho, atenção e romance, com exceção, é claro, dos poucos casos em que os entrevistados admitem “não ser muito de ficar falando ou dando flores toda hora”. Apenas um homem do grupo mais jovem referiu ter tido problemas com uma ex-namorada por não gostar de “discutir a relação”, nenhum outro entrevistado fez menção direta a este tópico. Segundo informaram, os “problemas” mais comuns que encontram em seus relacionamentos dizem respeito aos ciúmes das parceiras, sobretudo, no caso do grupo mais jovem. De uma forma geral, o ciúme é por eles interpretado como insegurança das parceiras, sendo esta uma questão estritamente de cunho pessoal, sem que esteja necessariamente atrelada à falta de demonstração de seus sentimentos por elas. Dentre os homens menos expressivos, houve, como era de se esperar, referências também à insatisfação de suas parceiras no tocante ao carinho e ao romance, o que não ocorreu no caso dos homens que aparentaram ser mais explícitos na comunicação de seus sentimentos.

Mas será que os que dizem que falam fazem-no realmente? Não se pode negar que nem todos foram muito convincentes a este respeito. Mas qual seria o

parâmetro para avaliar este “falar realmente”? Poderíamos questionar a acuidade e a precisão das informações prestadas pelos entrevistados quanto às queixas e demandas de suas namoradas e esposas. Poderíamos nos perguntar se elas concordam com o que eles afirmam, uma vez que poderiam, mesmo inconscientemente, estar distorcendo a realidade segundo vista por elas. Distorcendo ou apenas vendo-a de outra forma, por outro ângulo? Neste caso, estaríamos diante de uma situação comum de embate entre subjetividades masculinas e femininas.⁶ Indo mais além, será que elas não reclamam mesmo ou será que eles é que encontram-se tão alheios ao tema que sequer percebem a insatisfação de suas companheiras? Ou será que percebem mas não dão importância? Neste caso, a situação seria ainda mais grave, pois não se trataria meramente de uma questão de perspectiva e talvez pudéssemos, então, “julgar e condenar” estes homens ao estereótipo de “insensíveis”. Ocorreu-nos ainda uma última pergunta: Será que elas realmente não reclamam porque acham que não adianta? Neste caso, estaríamos diante de um impasse ainda mais difícil de ser solucionado.

Não temos como saber as opiniões das mulheres, nem estamos interessados em transformar este estudo em mais um espaço de queixas e repreensões às falhas ou faltas masculinas. Ouvimos doze homens que de forma mais ou menos fluente falaram sobre suas vidas afetivas, lembraram relacionamentos passados, recordaram angústias, sofrimentos e, em muitos casos, expuseram abertamente seus amores e paixões. Não temos, portanto, razão nenhuma para duvidar do que nos contaram. Seria tudo encenação? Seriam eles tão bons atores ou nós muito ingênuos? Acreditamos que nem uma coisa nem outra. Alguns titubearam? Sim, mas não observamos nenhuma grande contradição que pudesse anular completamente os depoimentos da maioria dos que disseram que falam sobre o que sentem para suas parceiras. Considerando a forma como se apresentaram a nós, ficamos com a impressão de que foram verdadeiros e talvez não tivessem porque não sê-lo.

5.2.1.4. Futebol, sexo e... problemas!

Ao discutirmos algumas intercorrências que interpretamos como possíveis resistências por parte de alguns sujeitos a participarem da pesquisa, citamos a fala

⁶ Heis novamente a questão lingüística indicada anteriormente.

de Paulo em resposta à nossa consulta sobre sua disponibilidade de nos conceder uma entrevista. Por *e-mail*, ele tentou se esquivar dizendo que não se considerava o “entrevistado ideal”, por ser “um cara muito ‘pé no chão’ em termos de emoções e sentimentos”. Explicou que, apesar de “amor, paixão e sentimentos íntimos” serem “importantes”, ele os “administra de forma muito básica, muito preto no branco, sem grandes elucubrações” e que, por esta razão, não consegue se imaginar “indo a um terapeuta/analista para resolver problemas íntimos”. Suas associações chamaram nossa atenção de imediato e, durante a entrevista, resolvemos perguntar sobre o que o levou a pensar que iríamos falar sobre seus problemas, ao que ele respondeu da seguinte forma:

“Bem, o negócio é o seguinte: como todas as pessoas, eu tenho lá os meus problemas, os meus anseios, os meus ressentimentos... Sabe, nisso eu sou igual a todo mundo. Mas, de uma forma ou de outra, errado ou não, eu consigo administrar isso. Eu, na minha visão, acho que consigo administrar bem, né. Eu tento resolver sozinho. Eu vou te contar uma coisa engraçada que acontece comigo desde pequeno: sempre que eu vejo alguém numa situação vexatória, em filme, televisão, principalmente novela... eu, até hoje, aos 41 anos de idade... eu saio da sala... porque eu sinto em mim aquilo que eu sei que o cara vai sentir... então, eu evito esse tipo de situação...” (Paulo, 41 anos)

Prossegue discorrendo sobre situações de trabalho em que se expõe com desenvoltura (palestras, cursos, reuniões de negócios, etc) e sobre situações em que tem que impor sua autoridade: “Quando tem que dar esporro eu dou mesmo, sem problemas, isso eu faço bem!” Todavia, quando está sendo avaliado por um superior hierárquico, ouve as críticas e não questiona, pois quer encerrar a conversa o quanto antes.

Diante de tais afirmações, passamos a crer que Paulo realmente tentou “evitar” conceder a entrevista, pois isto seria equivalente a uma das “situações vexatórias” por ele referidas. Mas ainda restava uma dúvida: será que o “problema” estaria em expor sua intimidade, pura e simplesmente, fosse ela problemática ou não? A resposta a esta pergunta veio somente ao final da entrevista, quando nos desculpamos por algum incômodo que pudéssemos ter causado inadvertidamente e perguntamos como se sentia, ao que Paulo respondeu:

“Não, foi tudo ótimo! Principalmente, porque eu tava preocupado, sabe... se você ia ficar chocada... c-com essa coisa, né... d’eu não ser santo e de dar as minhas

escapadas de vez em quando... Mas, você, pô, foi super tranquila... não me pareceu é... sei lá, não fez nenhuma cara de espanto, sabe?” (Paulo, 41 anos)

Ou seja, ao ser por nós contactado para marcar a entrevista, Paulo ficou preocupado em revelar o lado, digamos, sombrio de sua vida afetiva, apesar de durante a entrevista ter asseverado não sentir-se culpado em trair a esposa, pois acha “natural” que isso ocorra, muito embora tenha admitido que ficaria transtornado caso a situação de infidelidade se invertesse — um caso típico de *dupla moral sexual* que constitui o conjunto dos mais comuns estereótipos de gênero, freqüentemente verificado em diversas pesquisas (Jablonski, 1991 e 1995; Goldenberg, 1991 e 1997; Giddens, 1992; Nolasco, 1993 e 1995; Wang, 2001).

Além disso, após analisarmos as falas dos demais entrevistados tivemos uma outra indicação sobre o porque de Paulo ter associado o tema da entrevista a “problemas”. Conforme pudemos observar, a maioria dos homens que integra a amostra que serviu de base para o presente estudo, só fala com terceiros a respeito de suas vidas afetivas quando estão atravessando alguma crise ou tendo que enfrentar algum problema.

Alguns sujeitos dizem que falam sobre suas vidas afetivas com pessoas próximas mesmo não sendo para “resolver problemas”, mas as informações prestadas foram muito vagas para que possamos ter certeza de que esta prática realmente se concretize.

De todo modo, devemos levar em consideração o fato de que se estes doze homens fossem totalmente refratários a falar sobre seus relacionamentos amorosos eles não teriam aceitado participar da pesquisa. É claro que suas intimidades só foram superficialmente escrutinadas e nenhum deles foi levado a revelar nada que não quisesse. Como dissemos anteriormente, muitos falaram até bem mais do que o esperado e, em alguns casos, forneceram informações que vão além do escopo deste estudo.

O único que admite jamais conversar com absolutamente ninguém sobre seus sentimentos é o próprio Paulo. Conta que eventualmente se queixa da esposa e dá alguns exemplos das “bobagens do cotidiano”, mas nada além disso:

“Eu só falo assim... sobre a Tereza, mas não sobre o sentimento...”

(Paulo, 41 anos)

Miguel explica que, como não tem irmãos e os amigos estão “espalhados pelo mundo”, o único espaço de que dispõe para falar sobre sua vida íntima é a análise. Tadeu também refere um certo afastamento dos amigos, mas assevera que, mesmo se estivessem próximos, só os procuraria para falar sobre problemas:⁷

“A minha relação com os meus amigos, a não ser os mais próximos, eu acho que... eu não discuto paixões com os meus amigos. Não é um... não é um tema recorrente. (...) Os meus amigos mais íntimos tem muito tempo que eu não vejo. Os mais íntimos mesmo, que eu já tive na minha vida, eu já não os vejo há algum tempo... e, normalmente, a vida amorosa da gente ela é comunicada, eu acho, com esses amigos... mais freqüentemente quando há problemas. Quando não há problemas... eu, pelo menos, nunca senti vontade de... de comunicar o meu prazer ou a minha felicidade em conversas. Quando há problemas, com certeza, já conversei diversas vezes! (...) Pra desabafar e pra pedir conselho... normalmente, a gente procura um amigo pelas duas coisas.” (Tadeu, 45 anos)

Sempre racionalizando, Tadeu acrescenta que é bom “saber o que é normal”, pois ao comparar a sua experiência com a de outras pessoas “pode ter mais certeza de sua própria avaliação das coisas”. Gabriel argumenta com semelhante objetividade:

“É muito interessante isso de você conversar com pessoas, porque isso, de repente, te dá outros rumos, né... te dá outra maneira de ver uma coisa e isso é muito legal... de saber que outra pessoa pode te dar uma outra visão do problema...” (Gabriel, 30 anos)

Inversamente a Tadeu e Gabriel, Daniel diz que não costuma pedir conselhos porque, mesmo quando pessoas amigas já passaram por experiências similares, prefere tratar das situações à sua própria maneira. Em geral, procura elaborar suas questões sozinho e só conversa com alguém quando já se sente seguro do que realmente pensa e sente a respeito do assunto.

“Quando tem que falar eu falo. Eu não sou muito ávido pra falar, mas também não sou de guardar tudo só pra mim. (...) Também não é só desabafo, tem vezes que a conversa até contribui pra eu repensar algumas coisas...” (Daniel, 24 anos)

⁷ A questão do afastamento dos amigos é muito interessante, pois os mais jovens parecem tentar evitá-la, enquanto alguns dos homens acima de 40 anos dão a impressão dela ter sido consumada sem que tenha sido percebida como um perda.

Esclarece que “ter” que falar diz respeito às ocasiões em que algum amigo percebe que ele “não está legal” e pergunta o que houve. Oposto a Daniel, Eduardo tem conversado muito com os pais e com alguns amigos devido ao momento de decisão que se aproxima no que diz respeito a casar-se ou não.

Fred, por sua vez, afirma conversar “sobre tudo” com alguns amigos: “(...) não só quando tá ruim, mas quando tá bom também...” Como pareceu estranho ele falar abertamente com os amigos após ter afirmado dificuldades em “discutir a relação” com a namorada, pedimos que esclarecesse um pouco melhor o contraste e, ao tentar se explicar, pareceu contraditório:

“Ela ficava querendo conversar sobre tudo o tempo inteiro, aí eu perguntava: ‘Tá bom? Então se tá bom, pra quê conversar?’” (Fred, 26 anos)

Permaneceu a dúvida: se não conversa com a namorada quando está tudo bem, porque o faria com os amigos? Será que quis mostrar-se “politicamente correto” e acabou se complicando? Ou será que quando o relacionamento está bom conversa com os amigos apenas para contar alguma vantagem?

Vicente pareceu igualmente contraditório ao afirmar que, além do analista, também fala sobre “tudo” com os amigos “sem o menor grilo”, sugerindo que no meio artístico as pessoas são mais abertas a se expor. No entanto, ao ser perguntado se compartilhava os bons momentos do relacionamento, tais como a fase à qual havia se referido como “lua-de-mel eterna”, respondeu de tal forma que pareceu-nos serem sempre os problemas a motivação principal das conversas.

“Claro! (Pausa um pouco mais longa.) Como também as reclamações: ‘p-, a Solange é f-, cara!’ Aí, vinha um outro também e falava: ‘P-, nem fala, cara... você sabe o que a minha fez?!’ Aquele papo de homem, né, reclamando de mulh... d-das suas respectivas esposas. Bom, pelo menos no meu meio, né, no meu meio a gente conversa. Não, e melhor! O bacana no nosso meio é que se conversa tudo, entendeu... tudo sem o menor grilo! (...) Não, e quer dizer... o fato de você estar conversando e ouvindo outras experiências você tá chegando à conclusão seguinte: que se relacionar é f-, cara! E você... não tem jeito, cara... você... a-as coisas... t-todo mundo reclama, todo mundo tem reclamações.”

(Vicente, 47 anos)

Victor diz:

“Sempre... quando tá bom e quando tá ruim! Não tenho aquela de só jogar pra platéia. Eu chego e digo que estou carente, sentindo falta de uma namorada... de um relacionamento legal... tá me castigando isso... Eu falo, eu falo... eu sou muito de me abrir com as pessoas...” (Victor, 47 anos)

Rui tem conversado muito com a irmã que se separou há pouco tempo e está morando em sua casa. Além dela, apenas com alguns raros amigos:

“Só um deles que se abre mesmo comigo... e também alguns pouquíssimos que falam que gostariam de ter um relacionamento desse que eu tô tendo... Engraçado que eles dão a maior força, mas às vezes acham que eu tô um pouco demais: ‘Pô, você nunca mais veio tomar *chopp* com a gente!’ Mas eu digo que isso não é porque eu sou um apaixonado babaca... é porque eu acho que isso é um momento muito especial que eu tô vivendo e... então eu quero aproveitar tudo o que eu puder, pô!” (Rui, 43 anos)

Gabriel conversa basicamente com duas amigas e um único amigo; acha que os outros amigos gostariam de se abrir mas se esquivam até mesmo de apenas ouvi-lo, quando eventualmente tenta introduzir o assunto. Paulo se parece com estes amigos de Gabriel, pois diz que, além de não gostar de falar de sua vida com ninguém, também não tem muita disponibilidade para ouvir sobre as dos outros. Pedro faz uma crítica acurada a este respeito:

“Olha só, na minha opinião as pessoas não conversam sobre os seus relacionamentos, as pessoas reclamam... da vida e das pessoas com quem vivem! Então é diferente... e eu também não tenho muito saco pra ouvir só reclamação... porque eu acho que a solução não é falar mal da mulher pra mim, é falar pra ela, com ela, entendeu?” (Pedro, 41 anos)

Quanto a si próprio Pedro afirma sentir-se mais à vontade para falar com mulheres, pois identifica-se mais com elas e Fábio também prefere falar com as amigas, pois, segundo ele, elas entendem mais do assunto.

“Eu não sou um cara de muitos amigos, não. Agora eu tenho me reaproximado mais de minha irmã... É engraçado, eu sempre fui um cara de muitas amigas e muito poucos amigos homens. Eu sempre achei muito mais fácil me abrir com mulher... e entender a mulher do que entender o homem. Eu tinha também um casal de amigas homossexuais com quem eu me abria muito. Engraçado que uma delas tinha uma cabeça muito mais masculina do que a minha! E eu ia conversar com ela como se fosse um amigo... eu até brincava que a Carla era o meu melhor amigo na época. (...) O homem não é um bom confidente. No meu entender, a mulher tem uma visão muito mais sensível, ela procura analisar... achar as causas, as conseqüências... É claro que tem homens e mulheres que são exceções, mas eu

tô generalizando, né. (...) Eu tive muitas amigas, desde muito cedo... e a visão feminina sempre me marcou muito. Eu sou um cara que... a Júlia acha isso, eu não sei se eu sou tanto assim... com uma visão feminina grande... eu acho que eu convivi muito com mulher e eu prefiro conviver mais com mulher... me abrir com mulher... a não ser assim, fulano tem uma cabeça que bate com a minha, ok. Mas infelizmente eu não vejo... eu não estou dizendo que sou mais ou menos que ninguém, não existe aqui uma comparação de valor... existem as diferenças e só.”

(Pedro, 41 anos)

“Porque mulher entende melhor mulher, né... pra dar uma luz, assim, de vez em quando... Porque a mulher parece que tá sempre insatisfeita e às vezes não dá pra saber... ela acha que o homem tem que adivinhar, mas se ela não fala o que ela quer, pô! Isso é muito complicado. Não é que a mulher seja mais frágil, é mais sensível, talvez... e pro homem isso é muito difícil...”

(Fábio, 26 anos)

Dá exemplo de uma situação em que a namorada queria que ele fosse apanhá-la em algum lugar e ficou esperando ele se oferecer, mas como ele não o fez, isso foi motivo de uma longa discussão noite adentro. Conclui dizendo que com os amigos homens conversa sobre todos os outros assuntos:

“Ah... futebol, mulher... mas só de sexo, né... essa coisa de sentimento só com as amigas mesmo, porque mulher entende disso mais que homem...”

(Fábio, 26 anos)

Além das reclamações sobre as mulheres e das reclamações sobre as reclamações das mulheres, nossos entrevistados são unânimes quanto aos temas das conversas masculinas versarem principalmente sobre futebol e sexo. Vale ressaltar que em nenhum outro momento das entrevistas houve tanta referência explícita aos estereótipos de masculinidade. Expressões como “já comi” e “tô pegando” são citadas como sendo muito comuns quando querem contar vantagens que os façam merecer os louros do desempenho sexual de “um verdadeiro macho”. No entanto, quando o assunto é sentimento, a eloquência costuma dar lugar a um silêncio quase que total. A opinião geral é de que os homens são “muito fechados” e “reservados”, com exceção de alguns poucos amigos que falam, sim, de suas vidas afetivas, mas exclusivamente quanto têm problemas — assim como eles próprios, apesar de nem sempre admitirem-no.

Contudo, praticamente todos acreditam que a maioria absoluta dos homens “não se abre nem para falar de problema ou pedir ajuda”. Neste caso, cabe acrescentar: talvez muito menos para pedir ajuda, pois, como vimos, não é muito

fácil para um homem fragilizar-se diante de outro homem. Incluímos abaixo uma fala de Tadeu que, inclusive, corrobora um depoimento anteriormente prestado por Daniel.

“Eu acredito que os meus amigos me procurariam, sim, pra falar de seus problemas... mas, a partir do momento que a coisa se tornasse tensa. Quer dizer, porque os meus amigos... eu sei que eles teriam essa abertura, mas eu acho que este seria um... um recurso final, um recurso, assim, extremo. Normalmente, eu acho que o homem é muito independente em relação à sua vida amorosa. Ele não quer receber conselhos, ele não quer é... receber pressões... eu acho que, como regra geral, os homens são muito fechados em relação a decisões da sua vida amorosa.” (Tadeu, 45 anos)

Salientamos ainda que, aqueles que parecem ser mais fluentes consideram-se exceções com relação à maioria dos homens, que são por eles descritos como “ainda muito presos a certos estereótipos de machão”, e acreditam que “seria muito bom pra todo mundo” se os homens se abrissem mais.

Pedro falou longamente sobre os problemas que a maioria dos casais enfrenta e acredita que “tudo seria tão mais fácil se as pessoas simplesmente conversassem francamente”, mas diz que para isso elas teriam que estar verdadeiramente interessadas em resolver as questões que surgem, ao invés de “só ficarem culpando um ao outro”. Em sua opinião as mulheres usam muito os filhos para se vitimarem e manipularem os homens, que, por sua vez, também agem de forma totalmente inadequada. Diz:

“Eu acho que a solução masculina é sempre muito fácil, pô... vai prum bar tomar uns *chopp*s... ou então sai, arruma outra e depois vai à luta. Sabe, essa coisa assim tão pobre, tão vulgar... eu acho que não é por aí...” (Pedro, 41 anos)

Acrescentamos um relato interessante de Fred que alega ter se atrasado para a entrevista porque pegou carona na saída do trabalho com um amigo que está atravessando “uns problemas de relacionamento com a namorada” e que “precisava conversar um pouco”. Isto, no entanto, não acontece com os amigos de Gabriel que não conseguem vencer o constrangimento, mesmo quando dão a impressão de quererem “se soltar” mais:

“De repente, eles têm vontade de falar e se soltar, mas... nunca puxam o assunto e quando eu puxo, eles também ficam meio assim... mais naquela postura do homem... ‘Ah, não vou falar sobre isso...’” (Gabriel, 30 anos)

Paulo, que se diz “muito reservado”, não acha que todos os homens ajam da mesma forma que ele próprio e revela que alguns amigos e colegas de trabalho costumam compartilhar seus problemas íntimos com outras pessoas. Lembra de algumas raras vezes em que foi procurado por amigos que estavam se separando e que queriam “desabafar”:

“Quem me conhece sabe que eu não sou de conversar sobre essas coisas e que, portanto, não sou um bom confidente... nem muito menos a pessoa mais indicada pra aconselhar alguém nesses assuntos. (...) Então, não é sempre que acontece... mas, pra dar uma força pro cara eu demonstro algum interesse e, aí, pô, o cara despeja aquele caminhão de melancia e você nem sabe o que dizer, né... Pô, o negócio é sério mesmo, hein? (Risos.)” (Paulo, 41 anos)

Daniel conta que tem alguns amigos que gostam de falar sobre seus relacionamentos, especialmente um deles que chega a ligar várias vezes para contar uma série de detalhes:

“Aí, eu digo pra ele: ‘Pô, rapaz! Tu parece mulher! Fica ligando toda hora pra contar que saiu com a não sei quem e não sei o quê mais!’” (Daniel, 24 anos)

Miguel tem um único amigo que o procura para falar sobre sua vida amorosa, pois considera-a “um problema de *karma*”. Segundo Miguel, Joaquim é um homem muito rico, muito competente e bem sucedido profissionalmente, que já foi casado duas vezes e teve vários outros relacionamentos, todos igualmente insatisfatórios.

“Então, ele fala comigo, assim, direto, porque eu acho que ele vê que o meu relacionamento com a Sílvia é o oposto dos dele, né, e... aí, ele fica pensando por que é que ele não consegue isso... Então, esse é o único, né, que fala... fala muito sobre a vida afetiva dele... mas também é só ele... nenhum outro.”

(Miguel, 40 anos)

5.2.1.5. O peso dos estereótipos

Apesar de não referir queixas por parte de nenhuma de suas companheiras a este respeito, Tadeu gostaria de se expressar mais e melhor. Ao que tudo indica este

desejo de aprimoramento expressivo se aplique às ocasiões em que é solicitado a “discutir a relação”.

“Eu sou uma pessoa reservada. Eu acho que eu sou mais travado do que eu gostaria de ser... eu gostaria de ter mais liberdade prá exprimir os meus sentimentos... me sentir menos pressionado. Eu me sinto pressionado a não demonstrar meus sentimentos. (...) Eu acho que, quando uma emoção é prazerosa, eu me entrego... eu me entrego de forma livre às emoções prazerosas. Só quando há problemas é que eu acho que eu sou... travado. Eu procuro tratar os problemas emocionais de uma forma racional, inicialmente... porque é dessa forma que eu me sinto mais competente prá lidar com problemas. E, às vezes... às vezes, não! Como, normalmente, não é apropriado você tratar dos problemas emocionais de forma racional, eu passo prá... prá pensar emocional, eu passo a reagir emocionalmente com muito... com muito receio. Eu procuro não agir de forma emocional, inclusive, pela minha própria educação. Eu cresci ouvindo meu pai dizer que não se deve agir de forma emocional porque você comete muitos erros...” (Tadeu, 45 anos)

Vicente teve sérios problemas em seu casamento devido à instabilidade financeira e deu a impressão de que esta foi a principal razão para a separação, cujo luto ainda não elaborou completamente. Falando sobre outros relacionamentos, antes e depois do casamento, acrescenta:

“Vários, vários! Cara... e o pior é que todos terminaram pela mesma razão... grana! Cara, isso é f-! Tudo começa bem e, de repente, a grana vai acabando... aí, já é um sinal, cara... é f-! (...) E esse [relacionamento] de agora eu já tô vendo que... ela é igualzinha, sabe, porque ela chegou contando, assim, que terminou com o namoro de antes porque o cara... ela contou que dizia pro cara: ‘P-, você não batalha e não sei mais o quê!’ Aí, eu olhei pra ela e falei assim: ‘P-, você tá falando igualzinho à minha ex-mulher! Eu quero te dizer o seguinte... presta bem atenção... agora você não tá falando isso pra mim, mas daqui a pouco eu sei que você vai falar!’” (Vicente, 47 anos)

O depoimento de Vicente nos leva a pensar no peso que o estereótipo do homem bem-sucedido tem sobre alguns homens que não buscam, ou buscam mas não alcançam, determinados troféus. Por outro lado, Paulo é um exemplo dos que buscaram e alcançaram, mas nem por isso pode-se dizer que seja poupado das conseqüências de viver segundo um modelo esterotipado de sucesso. É um executivo que conseguiu muita projeção em sua carreira, mas, ao observarmos seu relato, podemos nos perguntar acerca do nível de estresse a que se submete diariamente para garantir o *status* e um estilo de vida como o que escolheu adotar. Escolheu?

Bem, atualmente, o homem já não precisa mais ser o provedor — até mesmo porque, como muito bem observado por Rosiska Darcy de Oliveira, hoje em dia, o único provedor que está em alta é aquele das relações virtuais, que provê acesso rápido e ininterrupto para uso da *Internet* — apesar do sucesso profissional e financeiro persistir como um troféu a ser conquistado. Todavia, estas conquistas não permanecem como imposições exclusivas aos homens, uma vez que a preocupação com a carreira já foi amplamente incorporada pelas mulheres. Não obstante, e talvez justamente por isso, o homem que não alcança o sucesso profissional e financeiro não é bem visto, respeitado ou valorizado. Por esta razão, Vicente deixou transparecer uma visão estereotipada com relação ao que algumas mulheres esperam dos homens.⁸

“Porque eu não tenho essa coisa de: ‘Ah, tô com grana vou comprar um carro ou... só vou andar de táxi.’ Não, nada disso, eu nem sei dirigir! Eu pegava ônibus mesmo, sempre andei de ônibus... porque eu gosto disso... de viver a realidade... absoluta... excessiva até! Tanto que as pessoas me viam e até achavam estranho... algumas diziam que eu tinha que me comportar mais como um artista e coisa e tal... Mas eu odeio essas m-, entendeu, mas... quer dizer, isso pra muitas mulheres também conta ponto... conta ponto contra, porque as mulheres gostam de homens práticos!” (Vicente, 47 anos)

Pedro afirma que os homens também querem carinho, atenção e romance. Conta que durante os três casamentos anteriores “sempre se sentiu só”, pois suas ex-esposas não eram suas companheiras de fato.

“Embora eu fosse um cara casado, eu sempre vivi muito sozinho. As coisas que eu gostava de fazer, eu fazia muito sozinho... as coisas que elas gostavam de fazer, faziam comigo. Porque eu sou um cara muito assim: Quer ir pro *shopping*? Eu detesto, mas eu vou. Lojinha de artesanato? Quer coisa mais chata?! Eu vou! Agora, venha na minha também! Eu nunca forcei nada, é claro, porque não faz sentido, mas você começa a questionar: pô, porque eu tenho que ter só as responsabilidades do relacionamento e nenhum benefício?” (Pedro, 41 anos)

Quando discutimos a comunicação dos sentimentos, mencionamos uma fala sua que terminava assim:

⁸ Uma visão estereotipada mas talvez não muito distante da realidade de uma parcela significativa de mulheres que ainda vivem como nossas avós e/ou daquelas que foram tragadas pelo ideário consumista do capitalismo liberal exposto por Coontz (1992).

“Eu adoro pegar a minha mulher e beijar, dizer que eu a amo, que morro de tesão por ela! Adoro mandar flores, adoro comprar presente! Adoro todas estas coisas! Como adoro receber também!” (Pedro, 41 anos)

Para completar, gostaríamos de apresentar mais este depoimento de Pedro:

“Uma vez eu tava numa reunião de pessoas, basicamente mulheres, que trabalhavam com a Cristina, a terceira [ex-esposa]. Aí, começou aquele papo: não, porque a gente quer um homem sensível, compreensivo, um homem não sei quê... Aí, quando acabou tudo, ela virou pra mim e disse: não é Pedro? Eu falei: olha só, eu também quero uma mulher assim! Porque tudo que a mulher quer o homem também quer! Quem disser que não, tá mentindo! Porque o homem tem muito disso, de esconder os sentimentos... a mulher, não... é mais sincera nessa coisa, tá... mas o homem, na verdade, também... Você pode contar... ele fica de *bundalele* um tempo, mas quantos você conhece que ficam sozinhos mesmo até o final da vida? Poucos. Muito poucos. Um dia ele vai tentar encontrar alguém. Pode demorar quarenta, cinquenta anos, mas um dia ele vai tentar encontrar alguém.” (Pedro, 41 anos)

Rui conta ter passado por um momento de crise na qual buscou realizar uma revisão de valores. Seu relato é o de um homem que empreendeu busca absolutamente solitária. Recorda ter sempre vivido muito em função de duas coisas: o trabalho e as noitadas. Estava sempre cercado de muitas pessoas, especialmente mulheres, mas sentia-se profundamente só, até que “resolveu se casar com a primeira que aparecesse” preenchendo o requisito básico de ser “de família”, uma típica “mulher pra casar”. Casou-se e continuou sentindo-se só, pois, segundo diz, a ex-esposa não diferia muito das outras pessoas que o cercavam: “? Eu acho que ninguém gostava de mim mesmo... por quem eu era, mas pelo que eu era...”, diz ele. Rui era dono de um escritório de comércio exterior e num determinado momento teve que enfrentar sérios problemas financeiros. A falência foi o estopim para a separação, pois segundo conta a ex-esposa não lhe apoiou em nada e, neste momento, teve certeza de que não fazia sentido continuar com ela, apesar dos filhos pequenos.

A crise reportada por Rui parece ter todos os requisitos descritos pelos autores que enumeram os fatores mais comuns que levam um homem a parar para repensar sua vida. Mesmo sem nomeá-la uma *crise de masculinidade*, Rui fala de seu percurso em direção a um novo mod de viver. Hoje, diz que “se encontrou” e, apesar da pressão dos amigos, está tentando construir um relacionamento sem se guiar pelos padrões anteriores (“? Eu era muito egoísta e prepotente com todo

mundo...”) e diz não ter vontade de voltar a viver como antes: “? Eu nunca vi muito sentido naquilo, sabe?”

Lembramos um relato curioso seu com relação à atual namorada se queixar dele ser carinhoso demais com ela (“ficar lambendo o tempo todo”). Isto pode se explicar por duas vias: (1) ela é quem tem dificuldades no contato íntimo ou (2) ele ainda não achou o meio termo entre ser como antes (“egoísta e prepotente”) e ou ser o extremo oposto. Não obstante, Rui parece muito satisfeito com suas novas descobertas sobre si mesmo e sobre as novas possibilidades de realização que vê na sua vida.

Victor relata uma situação inversa à de Rui. Se este passou por uma “crise de revisão de valores masculinos”, Victor passou por uma “crise de confirmação de valores femininos”. Diz que nunca foi como os outros homens, nunca se identificou com os estereótipos machistas que via serem uma constante nas vidas de seus amigos. Acredita que as mulheres apenas dizem que querem um *homem sensível*, mas que, na verdade, não sabem respeitar um homem que não “fale grosso”. Conta que sempre preferiu conversar sobre os problemas de relacionamento, pois considera que esta é a única forma de tentar solucioná-los, embora nem sempre tenha sido realmente ouvido. Durante um certo tempo chegou a achar que havia algo de errado consigo próprio, até que resolveu procurar um psicólogo. Após alguns meses de terapia viu que: “? Errado seria tentar ser o que eu não era... errado era achar que eu tinha que ser como os outros...”

O que mais podemos dizer diante de tais evidências? Não muito talvez, pois o que procuramos mostrar através destes relatos é que os estereótipos de masculinidade não aparecem de forma simétrica nas experiências de nossos entrevistados e que, alguns deles, mesmo não percebendo claramente do que se trata, procuram encontrar soluções para o desconforto por eles causados.